Nº 1 EM GUIMARÃES
RE/MAX GO
QUINTÃ - GUIMARÃES

Guimarães, agora!

edição nº.: 14 / Junho de 2020 preço.: 30€ assinatura anual
periocidade.: mensal director.: José Eduardo Guimarães

Nuno Sousa, da Escola da UM

"Vírus da Covid-19 pode infectar todos"

Desemprego

Todos os dias 7,5 pessoas perdem emprego

Celebração da origem de Portugal

A inevitabilidade histórica do 24 de Junho

Sector com mais de 50 empresas

Joalharia afirma-se em Guimarães

Uma excepção à regra

Autarcas de Ponte e Pencelo certificam poder unipessoal

Assembleia Municipal

Troca de administradores na Vitrus causa polémica

PSD e CDS/PP reagem

Sérgio Rocha usurpou poderes como administrador não-executivo

EDITORIAL

O jogador de bancada

VÍTOR OLIVEIRA
vitor.oliveira@guimaraesagora.pt

Isto de termos futebol sem adeptos tem revelado, sobretudo, quão importante é o 12º jogador num espetáculo desportivo. A Liga COVID, ou o campeonato sem público, é outro futebol. É a terceira volta de uma prova que ficou três meses suspensa: mais tempo do que a transição de uma época para a outra, habitualmente separadas por um mês de férias. É uma Liga de outro campeonato, pois. Aqui se vê como o público marca (tantos) golos. As equipas teoricamente mais fortes deixaram de ter a força motriz que as coloca, adiantadamente, na frente do marcador. Agora, não há vencedores antecipados. Os adeptos não estão lá. O fervor audível que aquece as bancadas e esquenta o relvado resume-se, hoje, a tarjas motivadoras que não vão substituir nunca os cânticos e os aplausos (visíveis e sonoros) do adepto mais leigo em futebol. Hoje, qualquer equipa marca! Hoje, entra-se em campo sem receio do adversário. Sem temer o ambiente do estádio. Há uma clara tendência de equilíbrio. Joga-se de igual para igual. Sem complexos. Os mais *"pequenos"* jogam como se fossem *"grandes"*. E, por isso, este final de Liga tem dado a conhecer resultados tão surpreendentes que, noutras circunstâncias, provavelmente, não aconteceriam! O vazio e o silêncio das bancadas transformaram este futebol de início de década num teatro de sombras, sem entusiasmo, triste, com adeptos sôfregos de vida desportiva e ritmo cardíaco. Uma verdadeira antítese pela qual o jogo existe no conceito mais contemporâneo do que deve ser um espetáculo de multidões. Estranhamente, porém, os jogos passaram a ser mais entretidos – como dizia Quinito, o treinador do futebol-magia que, hoje, teria de ser contorcionista para ladear obstáculos. A Liga COVID é, também, um teste para quem orienta uma equipa de futebol. E quão difícil deve ser treinar nas atuais circunstâncias! A crise é, todavia, uma oportunidade. Para todos. Em tempos de exceção, sejamos excecionais. Aproveitemos a experiência a que temos sido forçados para sairmos mais fortes e competentes. Não só no futebol...

O desperdício do talento local!

OUTRO PONTO DE VISTA...

JOSÉ EDUARDO GUIMARÃES
je.guimaraes@guimaraesagora.pt

Há algumas críticas ao talento dos vimaranenses e à sua capacidade para dirigirem empresas e serviços com alguma notabilidade, na área cultural, na área política e noutras áreas. Apesar da tentativa de *"apagar"* o talento de alguns e de se agitar fortemente a bandeira sobre o talento de outros, em áreas ditas menores, como a do desporto - onde o Município reconhece e premeia o talento de alguns atletas, a verdade é que, ultimamente, tem havido uma verdadeira caça ao talento local que coloca os vimaranenses numa posição menor quando se trata de exercer determinadas funções. E mais grave, confunde o talento com o serviçal... o que são coisas opostas! São esses *"serviçais"* que formam sindicatos para combater os talentosos, colocando-os fora da órbita do poder. Porém, as coisas não são bem assim: há talento que se elogia, porque assim interessa ao poder político. E outro que se arrasa também porque quem manda não gosta da cara deste e daquele ou daquela. E até do seu penteado! É uma aberração porque se há coisa que alguns vimaranenses têm, é amor próprio e um orgulho transformado em paixão e uma coragem para dizerem que *"não são parvos"* deixando-se manter sobe o jugo e comando, quase sempre de quem não sabe. Mas quer mandar como se soubesse. Na política então, as promoções fazem-se sempre não entre os melhores... mas entre os melhores a obedecer, o que resulta em prejuízo óbvio da comunidade e de Guimarães, cujos interesses não se defendem apenas agitando a bandeira da cidade ou envergando uma *t-shirt* onde se estampa, com um coração vermelho o *"I Love Guimarães"*. Hoje - desde há um tempo atrás - em Guimarães, o nível de qualidade e competência, exigível para algumas funções está nivelado por baixo, quase perto do zero. E ameaça passar para baixo de zero, tal a qualidade dos que se promovem e dos competentes que se desperdiçam e perseguem. Ou discriminam. E o pior é que vivemos numa sociedade que tende a perpetuar a banalidade e vulgaridade, uma sociedade de beija -mão dita de democrática, que não respeita valores, teme a concorrência, e pior: é uma sociedade endeusada por Deuses menores, com tiques de populismo... escondido! Mesmo, no futebol, onde, também, o que vem de fora é sempre melhor do que o que cá temos, esta tendência ameaça o maior clube de Guimarães. A história não nos deixa mentir. Há muitos bons exemplos, de iniciativas e eventos em que os vimaranenses *"brilharam"* efectivamente. Vejamos, Guimarães organizou a Capital Europeia da Cultura, a Capital Europeia do Desporto e teve sempre uma percentagem forte, nesses núcleos organizativos, de vimaranenses que *"não são parvos nenhuns"*. E o que se viu... está à vista! No Vitória, por exemplo, os melhores resultados desportivos, foram conseguidos com gente da terra, sem necessidade de craques do dirigismo ou de outra coisa qualquer. O que a contratação de craques de fora esconde - também, na política - é alguma incompetência, muita insegurança, alicerçada numa desconfiança patológica, de que o conhecimento é um exclusivo de uns tantos - alguns são chico-espertos - e não está à mercê de uma grande maioria, que não têm oportunidades, que se rejeita, que nos faz frente, e deixa a descoberto a nossa incompetência e até a maldade e egoísmo, quantas vezes ciúme, que se esconde no nosso interior. Guimarães, tende a ser uma cidade altamente individualista - já o é em algumas áreas... quando o colectivismo mostra exemplos de conquistas feitas. Esta tirania do *"eu"* coloca o desenvolvimento em causa, rejeita outras e melhores soluções, faz emigrar quem não devia, deixa-nos confrontados com pequenos talentos cuja dimensão arrasa os interesses gerais, privilegiando os interesses menores e até mesquinhos. Ainda há pouco, se ouvia muitas vezes, o *"nós"*... mas o *"eu"* evidencia uma orfandade confrangedora, uma limitação da grandeza dos vimaranenses. D. Afonso Henriques, pelos vistos e pelas imagens, até era um rei corpulento e alto... E andamos contra a tendência global, mesmo a nível de países, onde a União Europeia é um bom exemplo de colectivismo supranacional. Por cá, neste momentos de crise, há municípios que preferem soluções colectivas para responder a crises - Cascais - e para antecipar crises - fazendo antes o que é preciso para agora - Braga -. Sem darmos conta de que andamos para trás, desperdiçando o melhor de cada um de nós, o pior é mais dramático e até cínico, é de que fazemos tudo com a falsa ideia de que estamos a inovar... e a brilhar, quando o mundo já tem 2020 anos!

PROTAGONISTAS

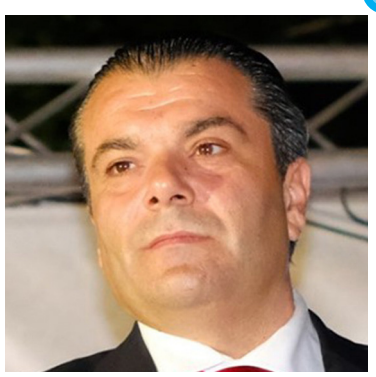
ADEPTOS VSC
Não podem substituir o *"patrão"*

A relação entre jogadores/treinadores e o clube só tem um interlocutor: a direcção. Há que ser firme na defesa deste princípio e nenhum sócio do Vitória tem o direito de interpelar os atletas e os treinadores, pedindo justificações sobre o seu comportamento profissional. Só assim se consegue estabilidade e se respeitam regras e leis. O poder não pode cair na rua...

JOALHARIA
Um crescimento pela qualidade

O crescimento do sector da joalharia em Guimarães pode estar a passar ao lado de muita gente. São já mais de 50 empresas. algumas delas, de *"top"* e exportadoras, outras fabricantes das melhores marcas mundiais de jóias, operando com trabalhadores especializados. A formação preocupa os actuais gestores que vêm na Europa o mercado ideal para as suas exportações.

RESPEITO E URBANIDADE
Gestor público tem estatuto próprio



Nem a Vitrus pode ser gerida como uma Junta de Freguesia, nem um gestor público pode ser visto como um chefe de secção, quando faz parte do órgão de gestão. Falta *"classe"* à geração actual de políticos locais. Quando o comportamento excede os limites de urbanidade, é preciso dizer que devem ter a noção de que um cargo público não é um cargo qualquer...

DOMINGOS BRAGANÇA
Presidente Câmara Municipal de Guimarães

A FRASE "..."

Alguma vez, algum presidente do conselho de administração que é o rosto da empresa, aceitará que não possa definir, o que é a política da empresa, as actividades da empresa e o seu plano de actividades?

As empresas municipais são criadas *"na melhor prossecução do interesse público"* (Lei 50/2012). E têm como objecto social a prestação de serviços de interesse geral. Organizam-se como sociedades comerciais, o Município nomeia a administração, onde só um administrador (gestor publico) tem funções remuneradas que assume a gestão da empresa por contrato assinado com o Município.

Tudo o que foi dito, na Assembleia Municipal, à volta das competências dos administradores, dos poderes do presidente do conselho de administração, é uma pura fantasia que não pode ser alimentada por ninguém de boa fé, e mesmo por um presidente da Câmara. Os estatutos das empresas não são escritos - como a lei - para se adequarem ao presidente do conselho de administração A ou B.

MUDAMOS
VIDAS DE DIA
PARA DIA!

Rua Teixeira de Pascoais nº 614 (Quintã)
Azurém - 4800/073 Guimarães
Tel. (+351) 253 488 800
Fax. (+351) 253 488 801

www.remax.pt/go

Nº 1 EM GUIMARÃES

RE/MAX® GO

QUINTÃ - GUIMARÃES

RECRUTAMOS **CONSULTORES IMOBILIÁRIOS** COM OU SEM EXPERIÊNCIA

- √ ELEVADOS RENDIMENTOS
- √ AUTONOMIA
- √ LIBERDADE
- √ RECONHECIMENTO

AGARRE A OPORTUNIDADE!
MARQUE JÁ A SUA ENTREVISTA

✆ 911 060 288
jpscarvalho@remax.pt

CONSTRÓI
AQUI A TUA
CARREIRA DE SUCESSO!

LÍDER MUNDIAL EM SERVIÇOS IMOBILIÁRIOS
ELASTIMART - Mediação Imobiliária, Lda. - AMI 8597

24 DE JUNHO

Data memória procura ser Dia Um de Portugal

Lembrar a história do 24 de Junho chorando a pandemia da Covid-19

▶ O 24 de Junho é uma data com história nacional e local, onde nos sentimos projectados, desde há séculos – 892 anos – e a cada ano se torna mais longínqua, nos feitos, nos efeitos, nos sonhos. É uma data memória, inigualável, pelo contexto que se evoca mais para servir de festa, do que para servir de exemplo e singularidade, na nossa contemporaneidade.

O de 1128, continua impregnado na nossa memória colectiva – de vimaranenses -. É uma data – feriado municipal – nos dias de hoje que vamos evocando e lembrando, apenas na sua dimensão histórica, registada no calendário das efemérides.

Porém, até hoje, o 24 de Junho... é mais um dia do calendário que vai passando. Sem projecção nacional – não é a presença de um Secretário de Estado qualquer nas cerimónias – que lhe outorga a qualificação, uma data que muitos pedem para ser resgatada à sua dimensão nacional com o significado verdadeiro de Dia Um de Portugal, e com o verdadeiro espírito de que "*Aqui Nasceu Portugal*".

> A dignificação do 24 de Junho não passa do desejo dos vimaranenses, do interesse de alguns historiadores...

Apesar das promessas, dos esforços, dos congressos históricos, a dignificação do 24 de Junho não passa do desejo dos vimaranenses, do interesse de alguns historiadores, mantendo-se já como lenda porque a

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

Faltou a presença do público numa festa colorida.

24 DE JUNHO

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

classe política se coloca ao lado desta reclamação de elevar o 24 de Junho de 1128 com o estatuto e dignidade de um país que se orgulha da sua história.

Assim não sendo, o 24 de Junho, em Guimarães tem-se assumido mais como dia do Município, encorpado no estatuto de dia da *"Batalha travada a 24 de Junho de 1128" in campo Sancte Mameis quod est prope castellum de Vimaranes* (infopédia – dicionários Porto Editora).

Todas as cerimónias protocoladas – da formatura, da guarda de honra até ao pôr do sol – evocam a história mas assentam no momento presente, das condecorações às inaugurações.

Por isso, o 24 de Junho é uma data memória porque lembra-nos de onde partimos e até onde vamos chegando, marca o nosso ADN identitário, como povo, nação e comunidade. E serve para lembrar-mos os nossos feitos presentes como conquistas. Também, o dia já não é batalha porque só o foi na primeira tarde portuguesa. Nas ruas da cidade, no campo de Ataca, entre Aldão e S. Torcato, não há arcos e flechas, cavalos a galope, lanças embainhadas, soldados e arietes, sangue, mortos e feridos, num frenesim militar, de guerra.

É, agora, festa permanente, desde o primeiro ano, este ano marcado pelos efeitos da pandemia da Covid-19 que reduziu o número de protagonistas e assistentes normais aos actos e cerimónias organizados para deixar testemunho sobre a efeméride.

É dia de Guimarães, por algumas horas, porque nesta data também a evocação do espírito e das raízes de Guimarães deveria perdurar numa semana ou num mês, lembrando a nossa identidade como comunidade vimaranense e concelho ou Município de Portugal. Evidenciando em larga escala toda a dimensão histórica, patrimonial, cultural e sócio-económica do que é verdadeiramente Guimarães, muito maior do que aquele que é mostrado ou evocado em *slides*.

Igualmente, o 24 de Junho se liga à religião pois é dia de festa, dedicado a um santo, este ano sem o alho porro, manjericos, martelos e flores de papel, arraial e sardinha assada, porque no dia em que nasceu Portugal, também é festa de S. João, com palco maior em Polvoreira.

> E os vimaranenses ficaram em casa a gozar o feriado municipal, num distanciamento social que nos castra a vida...

É o 24 de Junho do ano da pandemia da Covid-19... o dia de Guimarães! E os vimaranenses ficaram em casa a gozar o feriado municipal, num distanciamento social que nos castra a vida em sociedade mas que a observância das regras sanitárias impõem, temporariamente.

Ontem e hoje, o 24 de Junho comemora-se segundo um modelo e ritual ditado pelos administradores municipais. É mais uma data que espelha o presente – os feitos e as conquistas dos autarcas – evoca apenas o significado histórico que é pretexto para a comemoração possível. ■

Cerimónias evocam a história mas marcam o momento presente.

Homenagens colectivas marcaram o 24 de Junho de 2020.

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

24 DE JUNHO

Ângela Ferreira presidiu à cerimónia oficial

"24 de Junho de 1128 foi decisivo também na nossa cultura"

▶ A Secretária de Estado Adjunta e do Património Cultural, Ângela Ferreira, afirmou que o 24 de Junho é *"um dia que é de Guimarães mas também de Portugal"*.

Historiando, sustentou que *"com a vitória na Batalha de S. Mamede tinha início o processo irreversível de autonomia do Condado Portucalense que culminaria no Tratado de Zamora e, posteriormente, na Bula do Papa Alexandre III"*. E acentuou que *"o 24 de Junho de 1128 é, assim, uma data fundamental do nascimento de Portugal"*.

Num discurso breve, de pouco mais de cinco minutos, Ângela Ferreira, mostrou a sua felicidade por participar na sessão solene que assinala a *"primeira tarde portuguesa"*, sublinhando que foi *"decisiva para o curso dos acontecimentos da nossa história e, por isso, da nossa cultura"*.

Evocando o passado, a Secretária de Estado sustentou que neste 24 de Junho, *"recordamos os homens que no campo de São Mamede se juntaram ao Infante Afonso e forjaram a primeira vitória portuguesa, mas recordamos também o legado que nos deixaram e ao qual chamamos país"*.

Virada para a historicidade da data, Ângela Ferreira acentuou na sua intervenção que *"o que somos, enquanto identidade, vem de antes, das culturas que por aqui passaram, da presença romana e islâmica, entre muitas outras"*, não deixando dúvidas de que *"mas o que somos, em parte, começou há exatamente 892 anos, aqui em Guimarães. O que somos, enquanto cultura, representa o que estes homens tornaram possível, mas representa também a nossa resposta e a nossa responsabilidade perante a história que nos fez"* – vincou.

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

A Secretária de Estado do Património Cultural sublinhou que *"sem esses primeiros portugueses hoje tudo seria diferente e a nossa cultura é, também, o desejo de um caminho próprio que eles começaram a construir, o nosso lugar, entre o material e o imaterial, o concreto e o abstrato, que, a partir de Guimarães, se construiu no mundo e para o mundo"*. E acrescentou: *"Aquilo a que hoje chamamos património cultural e que engloba todas as nossas tradições e costumes, a nossa língua projetada nas diferentes pronúncias que lhe damos, os monumentos que erguemos, as nossas artes, tudo isso representa o valor que desde então acrescentámos ao gesto de desafio dos homens e mulheres que inauguraram a história de Portugal"*.

Sobre o mérito municipal humanitário, conferido *"a todos aqueles que com o seu trabalho deram um contributo inestimável no combate à pandemia, seja protegendo-nos e cuidando da nossa saúde, seja salvando vidas"*, a Secretária de Estado, considerou a distinção como *"muito apropriada homenagem"*, lembrando Péricles, no discurso que fez evocando os que lutaram e morreram na guerra do Peloponeso, cujas palavras são *"a mais perfeita defesa dos valores da democracia e da liberdade"*.

"A pandemia foi e é o combate das nossas vidas e a defesa dos valores da democracia e da liberdade compromete-nos com o reconhecimento daqueles que, na frente deste combate, tanto têm feito por nós" – concluiu. ■

Ângela Ferreira vincou a importânia do 24 de Junho.

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

> "Recordamos os homens que no campo de São Mamede se juntaram ao Infante Afonso e forjaram a primeira vitória portuguesa."

Presidente da Câmara destaca *"sentimento de pertença e colectivo"*

"Com benevolência, as batalhas também se ganham"

▶ A comemoração do 24 de Junho é uma *"inevitalidade histórica"*, desde 1128, e com *"a batalha de São Mamede"*, iniciou-se *"uma jornada de aventurança para o que hoje somos enquanto Povo e Nação"*. Foi assim que o presidente da Câmara justificou, em discurso, a comemoração de uma data histórica, que evoca *"a memória, a identidade e o sentimento de pertença"*. *E que celebra "a origem de Portugal e dessa forma preserva a memória histórica"*.

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

O passado e a história não impediram Domingos Bragança de olhar para o Guimarães do futuro.

Domingos Bragança associou o inimigo de hoje - a Covid-19 - ao inimigo de ontem, representado *"pelos exércitos de Leão"*, para sustentar que *"com benevolência as batalhas também se ganham"*.

Uma alusão para enaltecer o *"sentimento de pertença e de colectivo"*, e lembrar que *"a coragem e determinação, podem estar, a espaços, apenas adormecidas, mas nunca esquecidas"*.

O autarca destacava *"um movimento de coesão e solidariedade, capaz de tratar do outro como um de todos nós"*, que despertou durante a pandemia que contraria *"os sentimentos de indiferença, que vão destruindo as relações sociais"*. E que em Guimarães ganharam corpo pelo exemplo dos profissionais de saúde e outros ligados a serviços essenciais vários e à solidariedade que brotou de parte da sociedade vimaranense para dar contributos ao serviço de saúde local.

Quis também o presidente da Câmara, fazer da comemoração do *"dia 1 de Portugal"*, um momento *"para relançar laços de fraternidade e de solidariedade"*, ao condecorar honorificamente, com as medalhas do Município, um abnegado *"conjunto de profissionais e cidadãos que têm pautado a sua actuação por altos padrões de altruísmo e entrega ao próximo"*; e cantar vitória, face ao *"exército viral da pandemia da Covid-19"*, que ainda condiciona a nossa vida pessoal e colectiva.

Assim, todos quantos *"não cederam ao medo do desconhecido e assumiam a frente de um combate colectivo"*, foram evocados e lembrados por terem garantido *"a continuidade do funcionamento de escolas, serviços urbanos, segurança, protecção civil, supermercados, farmácias, logística, transportes, serviços sociais, centros de saúde e hospitais"*. Estes e os cidadãos, beneméritos e voluntários.

Num fim de tarde, no Paço dos Duques de Bragança, outrora mais repleto de assistentes, e sempre com o 24 de Junho como pano de fundo, Domingos Bragança, disse *"queremos distinguir o extraordinário"*, enaltecendo *"o mérito e honor, em tempos de pandemia"*.

> "Um território coeso e solidário que investe nas pessoas e na sua qualidade de vida de forma integrada.

Sobre o presente e futuro, o presidente da Câmara insistiu que em Guimarães *"não esquecemos o Dia 1 de Portugal"*...

A ideia de *"dar um rosto ao colectivo"* ficava patente em distinguir, o colectivo e não o individual, em três classes, a dos profissionais de saúde, dos serviços essenciais e dos beneméritos e voluntários.

Sobre o presente e futuro, o presidente da Câmara insistiu que em Guimarães *"não esquecemos o Dia 1 de Portugal"*, se combate *"o desenraizamento cultural através do diálogo entre várias camadas temporais que nos enriquecem"* e onde se misturam cultura, identidade e tradição.

Por fim, citando Dante, o presidente da Câmara lembrou que *"o futuro tem um coração antigo"*, assente no legado da *"Primeira Tarde Portuguesa"* de que resultou a *"união e compromisso colectivo... de gerar um país"*.

E que o futuro de Guimarães será construído através de *"um modelo de desenvolvimento centrado nas premissas de uma sociedade tecnologicamente evoluída"*, com dimensão humana, sentimento, compaixão e harmonia com a natureza.

Guimarães, será, no futuro mais próximo, segundo o presidente da Câmara *"um território coeso e solidário que investe nas pessoas e na sua qualidade de vida de forma integrada. Um território que preza tanto o seu passado que não imagina um porvir que o ignore"* - concluiu. ■

JOALHARIA EM CRESCIMENTO

Roteiro empresarial pelo sector exportador português

"Portugal Open for Business" engloba empresa de joalharia vimaranense

▶ *"Portugal Open for Business"* tem levado o Secretário de Estado da Internacionalização, a visitar empresas de inúmeros sectores da economia, ligados à exportação.

Eurico Brilhante Dias, começou em 7 de Maio, um roteiro empresarial que o tem feito sentir a *"alma"* das empresas exportadoras.

Com empresas e empresários e associações empresariais, o Secretário de Estado da Internacionalização, tem visto e ouvido como o sector produtivo nacional sobrevive, para além da crise da Covid-19, num contexto internacional nunca visto.

Agradado pela resistência de algumas empresas que nunca deixaram de produzir e de exportar, Eurico Brilhante Dias, agarrou no *"Portugal Open for Business"*, com um programa que pretende *"valorizar os nossos produtos e as condições de investimento em função daquilo que foi a gestão da pandemia no nosso país"*.

O fulcro desta medida é a promoção interna e externa e o relançamento da economia nacional. Internamente, o Secretário de Estado ouve os empresários, visitas unidades em laboração, fala as associações dos diversos sectores económicos; externamente, são promovidas acções de sensibilização nos principais mercados de destino das exportações portuguesas, através da AICEP.

Ao visitar a empresa José Carlos & Filhas, do ramo da ourivesaria e joalharia, Eurico Brilhante Dias, contribuiu para se redescobrir algo importante, numa região dominada pelo têxtil, calçado e cutelaria. E evidenciar como Guimarães está em vias de poder disputar com Gondomar o primeiro lugar num sector que tem crescido e cuja presença não tem sido notada.

Há inúmeras empresas na joalharia que são essencialmente exportadoras, alinham-se num eixo que vai do distrito de Braga à Comunidade Intermunicipal do Ave, com uma representatividade cerca de 70% no conjunto dos 20% que a indústria tem na economia nacional. ■

© DIREITOS RESERVADOS

A joalharia vimaranense mostra tesouros empresariais escondidos.

JOALHARIA EM CRESCIMENTO

José Carlos & Filhas ganha dimensão europeia na ourivesaria

Um sector que forma mas exige mais especialidade

▶ O estados dos mercados exportadores e as necessidades de formação, foram temas para conversas de circunstância, no momento em que o Secretário de Estado da Internacionalização, percorreu as actuais e as novas instalações da empresa José Carlos & Filhas.

José Carlos Santos, reconhece que o sector da ourivesaria ganhou confiança porque *"os europeus começaram a acreditar em nós, na nossa competência"*.

Em feiras internacionais do ramo, havia uma dificuldade em afirmar a ourivesaria portuguesa. *"Portugal? Mas…"*. Nesta dúvida, o empresário reconhecia uma oportunidade para lançar um desafio, a quem desconfiava do talento e paciência dos portugueses para conceber peças de enorme valor e com *design* arrojado.

E contou a sua primeira experiência em França, onde percebeu que as empresas portuguesas tinham de *"andar da perna"* para competir com as suas congéneres na Europa.

"Mandei umas amostras para França, fui chamado lá, para uma primeira avaliação e para meu espanto fui confrontado com um júri, de joalheiros, gravadores e outros que avaliaram o nosso trabalho, apontando os defeitos que encontraram nas peças" - disse.

Porém, este *"choque"* teve efeitos positivos, José Carlos Santos percebia ali, a importância do detalhe e do pormenor, da alta joalharia. E quando chegou a Portugal, disse aos seus colaboradores, de uma forma directa, que a tarefa era exigente mas não impossível. E confessou o que viu.

"A lição que eu tirei, com os meus colaboradores, era simples: nós éramos bons mas havia melhores do que nós". E a partir daí, *"todos tiramos as ilações devidas que nos permitiram evoluir, rapidamente"*.

E confessou, com prazer: *"felizmente que a minha equipa percebeu a exigência do desafio e, gradualmente, adaptar-nos ao que o mercado exigia"*.

Mas não foi fácil, pois, esta adaptação levou tempo. E foi precisa muita formação.

Eurico Brilhante Dias, ouviu esta explicação interessante, pela forma como as empresas portugueses conseguem ganhar terreno nos mercados europeus e para a preparação que é necessária ter numa equipa de trabalho, formada, sabedora e experiente.

Todos ficaram a perceber que a Itália continua a ser o país com maior êxito na joalharia, pelos produtos que conseguem influenciar quotas de mercado, pela qualidade e exigência que os franceses pedem para os seus produtos. E de que neste mundo global, a formação profissional é uma mais valia que permite ser competitivo, porque só assim se podem fabricar produtos ousados, bonitos, com design avançado.

E o sector da joalharia, estará receptivo a receber jovens licenciados?

José Carlos Santos acredita que sim - apesar de não ser fácil - porque a joalharia também precisa de trabalhadores com base universitária. *"Tive aqui três estagiários que acabaram por ficar e integrarem-se na estrutura produtiva da empresa"* - revela.

No decorrer da conversa, Eurico Brilhante Dias ficou a conhecer as novas instalações da empresa José Carlos & Filhas, ainda em acabamentos, mas com um traço de modernidade na sua arquitectura, com muita luz natural e espaços de trabalho, para os diversos sectores, com a necessária ergonomia. E que em breve serão inauguradas, passando a empresa a ter a sua sede em Aldão, em edifício próprio e deixando as instalações actuais em Azurém. ■

© DIREITOS RESERVADOS

José Carlos é um dos rostos de um sector que quer conquistar a Europa.

"Felizmente que a minha equipa percebeu a exigência do desafio e, gradualmente, adaptar-nos ao que o mercado exigia."

PROMOVER EXPORTAÇÕES

Eurico Brilhante Dias e a internacionalização da economia portuguesa

"Queremos mostrar que as empresas portuguesas estão preparadas para exportar"

▶ O Secretário de Estado da Internacionalização explicou a *"Guimarães, agora!"* o que pretende com o *"Portugal Open for Business"*, um programa que visa a promoção da oferta portuguesa, nas exportações, de modo a que o impacto da falta de encomendas seja o menor possível até à retoma que se deseja breve e em força.

GA! - O que é o *"Portugal Open for Business"*?
BD - Este programa pretende dar imagem, dar voz, às empresas portuguesas que continuam a exportar. Muitas delas nunca pararam de produzir e de exportar e que momento precisam de mais visibilidade nos mercados externos. O governo quer ajudar a comunicar aos clientes externos das empresas exportadoras que as nossas empresas estão preparadas para responder às suas encomendas. O maior apoio que podemos dar ao sector exportador nesta altura, para além das ajudas financeiras e na promoção externa, é que o governo se coloque ao lado destas empresas e sinalize que há continuidade de produção e que elas estão preparadas para satisfazer as encomendas que lhes façam.

GA! - Que empresas se incluem neste roteiro?
BD - Há um calendário que abrange todos os sectores. Já visitei empresas de muitos sectores, da pedra natural ao automóvel e aos moldes, do aeronáutico ao químico, no têxtil, no vestuário, agora na joalharia, estive com todos os sectores de produção, em mais de 25 a 30 reuniões com empresas diferentes.

GA! - E o que faz a AICEP neste contexto de dar imagem às empresas exportadoras?
BD - A AICEP está a actualizar e a promover conteúdos que possam ser úteis para a promoção externa. Esses conteúdos são difundidos pelos mercados externos com casos concretos de empresas portuguesas. Para ilustrar este movimento vários membros do governo, incluindo o Primeiro-Ministro, estão a comunicar no exterior, informando a fase em que estamos. Depois de uma fase mais aguda, a economia portuguesa não parou as empresas portuguesas estão a trabalhar o mais normal possível. Essa campanha está em curso e a minha vinda a esta empresa de joalharia de Guimarães tem esse sentido e objectivo, de permitir uma ilustração neste sector.

GA! - As associações empresariais seguem este roteiro?
BD - Sim, também vão às respectivas empresas, para além de contactos institucionais que temos com elas. Neste caso da joalharia já estive reunido com a AORP para trabalhar a promoção externa e agora queremos um caso concreto para avançar e a empresa José Carlos & Filhas preenche esse propósito.

© DIREITOS RESERVADOS

PROMOVER EXPORTAÇÕES

GA! - O que tem ouvidos dos empresários?
BD - Há dois elementos fundamentais nestes contactos. O primeiro é que todos sabemos que a incerteza mantém-se e há incerteza nos mercados externos, ainda que nem todos tenham tido o mesmo desenvolvimento. Por exemplo, ainda se nota que os Estados Unidos e o Brasil (estão em fase anterior à nossa) e na Europa - a maioria dos mercados já estão a reabrir, pois já há encomendas. Mas há problemas que subsistem: a promoção externa e a liquidez. Apostamos mais na promoção digital e menos na tradicional, procurando a melhor adaptação a uma situação que é severa e complexa.

GA! - Que números expressam essa situação complexa?
BD - As exportações caíram muito, cerca de 40% no mês passado, os sinais que temos é de que Junho foi melhor que Maio... que já era melhor que Abril; Março foi um mês atípico e se continuarmos assim acredito num segundo semestre em sentido contrário. Ou seja, começou bem e foi piorando, de Março em diante. Por isso, temos expectativas de que, a partir de Julho e até Setembro, estes sejam meses de retoma e, de algum modo, pudessem representar a segunda perna do V, de recuperação. É esse o sentimento.

> "Apostamos mais na promoção digital e menos na tradicional, procurando a melhor adaptação a uma situação que é severa e complexa."

GA! - As empresas, no processo de internacionalização, continuam com os mesmos apoios?
BD - A ajuda para as empresas vem da AICEP, no âmbito da internacionalização. Mas também do Compete. A AICEP é avaliadora dos projectos, utiliza fundos comunitários mas há outras ajudas, através da banca, por via das linhas de crédito. E acrescem os seguros de crédito com garantias de Estado, através da Cosec, a empresa que tem mais quota de mercado. As vias são, pois, diferentes e a AICEP tem uma estrutura vasta a trabalhar nessa promoção internacional através das suas delegações no estrangeiro e nas embaixadas e consulados.

GA! - O Secretário de Estado da Economia, esteve recentemente em Guimarães e sentiu que os empresários não reclamavam...
BD - Não significa que a situação em que vivemos não seja difícil. Esta crise é muito atípica. Ainda há dias, ao falar com um empresário, ele dizia-me que quando olhava para a circunstância, notava que *"até para os trabalhadores que trabalham na minha empresa, eles olham para mim e percebem que eu não posso fazer mais do que estou a fazer"*. E porquê? Porque uma circunstância seria não ter vendas se a equipa de vendas e o empresário não trabalhassem; outra é que a circunstância é particularmente dura. Toda a gente percebe que as nossas vendas dependem do desconfinamento de Espanha, França, Alemanha e dos Estados Unidos e as vendas de Espanha e dos Estados Unidos dependem do nosso desconfinamento. Estamos a viver um processo progressivo e contínuo. E quando se diz que as pessoas não reclamam é porque todos nós, estamos conscientes, de que todos e cada um, estamos a fazer o nosso melhor: os órgãos de soberania, os partidos da oposição, as associações, os empresários, os trabalhadores. Mas é uma circunstância muito atípica. Agora temos de estar aqui ombro a ombro para enfrentar esta fase que é muito difícil. ■

> "Toda a gente percebe que as nossas vendas dependem do desconfinamento de Espanha, França, Alemanha e dos Estados Unidos."

Eurico Brilhante Dias segue a evolução da joalharia em Guimarães.

© DIREITOS RESERVADOS

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

E centro de formação junto do Instituto de Design

Joalheiros querem unidade de contrastaria em Guimarães

▶ A Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), está a sentir as pressões dos industriais de ourivesaria e joalharia para criar uma terceira unidade de contrastaria em Portugal, para além das existentes em Lisboa e no Porto.

A nova directora da INCM vai andar por Guimarães, a partir de meados de Julho, numa visita a diversas empresas, durante três dias. A ideia é perceber quão crucial é a instalação de uma contrastaria para as empresas que fabricam produtos ligados ao ouro e jóias e os benefícios que podem resultar na certificação desses produtos.

João Faria, empresário vimaranense do sector e dirigente da AORP - Associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal, lembra que este é um processo que tem vindo a ser trabalhado há já algum tempo, junto da Divisão de Desenvolvimento Económico - DDE - da Câmara Municipal de Guimarães.

O vereador Ricardo Costa - com quem se reuniram os empresários de Guimarães e dos concelhos vizinhos - tornou-se logo adepto desta ideia e pretensão.

E a partir daí, estabeleceram um diálogo mais forte que para além de poder fazer com que Guimarães tenha a terceira contrastaria nacional, depois de Lisboa e Porto, possa até mesmo ser a sede da AORP- Associação de Ourivesarias e Relojoaria de Portugal, um propósito que não é de todo descabido dada a importância de Guimarães, da Póvoa de Lanhoso e de outros concelhos do distrito de Braga e da CIM do Ave, neste sector que ganhou uma expressão equiparável já à de Gondomar e de outros concelhos do país.

"O sector nacional da ourivesaria e joalharia representa 20% da economia nacional e neste volume de negócios 70% provém dos concelhos do distrito de Braga e da região do Ave" - defende João Faria.

Ainda recentemente, os industriais deste sector, reuniram no Avepark, como o vereador Ricardo Costa para afinar uma estratégia que passe pela afirmação deste sector da economia e onde foram discutidas algumas ideias que possam resolver também os problemas que as empresas sentem actualmente.

Para além da criação de uma unidade de contrastaria - que evitaria custos às empresas - a certificação dos seus produtos seriam mais ágil e mais rápida, deixando de se fazer em dois dias, como até agora.

Para que se pudesse instalar uma contrastaria em Guimarães - que correspondesse ao universo de empresas e industriais do sector neste concelho - bastaria apenas que fosse disponibilizada uma sede. O Estado neste caso, a Imprensa Nacional Casa da Moeda trataria do funcionamento e os industriais pagariam os serviços solicitados.

João Faria, acredita que este processo pode ter *"um desfecho favorável"*, uma vez que a nova directora do Porto, da Contrastaria Nacional admitiu poder encarar este pedido, em função do número de empresas que podiam beneficiar da proximidade deste serviço. Guimarães tem cerca de 50 empresas neste sector que poderiam com a Póvoa de Lanhoso formar já um núcleo forte da ourivesaria e com as restantes empresas do distrito de Braga, poderia assumir a representação de um *cluster*, com forte peso nas exportações.

Por outro lado, segundo João Faria, da AORP, importa *"pensar mais à frente, na certificação dos produtos de ourivesaria e serem as próprias empresas a fazê-lo, numa espécie de auto-certificação, que seria muito útil ao sector"*. Na prática, explica este industrial, *"já somos nós a fazer essa certificação porquanto a Contrastaria Nacional apenas aprova o que fazemos, pois, a responsabilidade é sempre nossa"*.

Outra área que preocupa os industriais da ourivesaria e joalharia é a formação dos trabalhadores, numa actividade exigente, de minúcia e detalhe.

"Também na primeira reunião que tivemos com Ricardo Costa - diz João Faria - *afloramos a possibilidade de o CINDOR - Centro de Formação Profissional da Indústria de Ourivesaria e Relojoaria, ter um pólo em Guimarães, dada a dificuldade que as empresas encontram em formar ou dispor de colaboradores com formação"*.

Mais uma vez, o facto de Guimarães ter uma representação forte do sector, justificaria uma delegação do CINDOR. E adianta que não estando ainda definido o local, esse centro de formação *"pudesse funcionar no Indegui* - o Instituto de Design na antiga Fábrica da Ramada - *onde se casaria com as disciplinas do curso de Design industrial e de produto que ali são leccionadas, aplicando este saber nas jóias"* - defende João Faria.

Como já foi salientado, o sector da ouriveraria e joalharia pode atrair jovens licenciados e neste caso os alunos que estudam no Instituto de Design poderem ter ali uma saída mais em áreas específicas do Design Industrial e de produto.

Este empresário acredita poder que, na abertura do ano lectivo, em Setembro, com a cedência de espaço ao CINDOR se pudesse iniciar já esta formação, até porque o centro de formação profissional e Gondomar tem o material formativo necessário para poder iniciar as aulas. ■

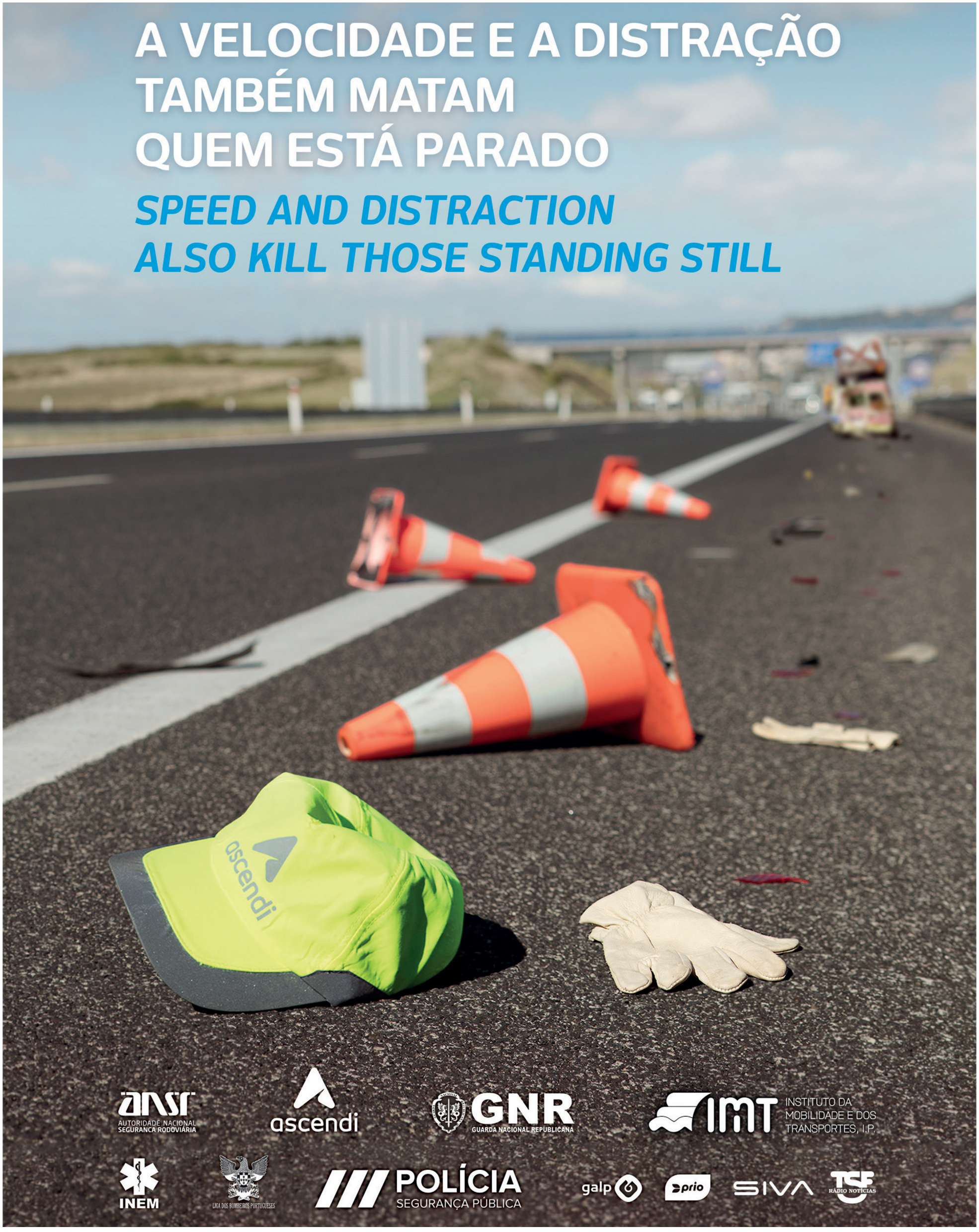
"O sector nacional da ourivesaria e joalharia representa 20% da economia nacional e neste volume de negócios 70%."

Guimarães pode ser um caso de sucesso na joalharia nacional.

© DIREITOS RESERVADOS

A VELOCIDADE E A DISTRAÇÃO TAMBÉM MATAM QUEM ESTÁ PARADO

SPEED AND DISTRACTION ALSO KILL THOSE STANDING STILL



ENTREVISTA

Nuno Sousa, Presidente da Escola de Medicina da UMinho

"O vírus afecta todos, com complicações distintas"

▶ Para os estudantes de Medicina da UMinho o envolvimento no combate à Covid-19 foi uma experiência positiva. E uma experiência pedagógica que os colocou a salvo de um contacto directo com os doentes.

© DIREITOS RESERVADOS

Escola de Medicina da UMinho fez da Covid-19 um caso de aprendizagem.

"Foi claramente um enorme desafio. Como disse trata-se de uma pandemia com implicações de grande relevância e impacto."

"Este é um tema muito complexo, o SNS e os Hospitais deram a resposta possível e não houve rotura do sistema de saúde em Portugal."

GA! - A Covid-19 surpreendeu os médicos, a que nível?
NS - A pandemia surpreendeu todos, incluíndo os profissionais de saúde. Trata-se de algo novo, e para o qual ninguém estava preparado no Outono de 2019.

GA! - Ninguém está a salvo de uma provável infecção, seja qual for o seu escalão etário?
NS - Correto. O vírus pode infectar todos. Claro que a consequência da infeção tem complicações distintas para diferentes pessoas, e, por isso, é que se definem os chamados *"grupos de risco"*.

GA! - Foi um drama enfrentar esta doença, na sua fase inicial de propagação?
NS - Foi claramente um enorme desafio. E continua a ser. Como disse trata-se de uma pandemia com implicações de grande relevância e impacto.

GA! - Concorda que o coração, rins e os pulmões, eram os órgãos onde o vírus tinha efeitos mais fatais e desconcertantes?
NS - A infeção afeta vários sistema no organismo, mas o mais afetado é o sistema respiratório.

GA! - O combate médico a esta doença reuniu que especialidades, serviços?
NS - Todos os profissionais de saúde, e obviamente também os médicos, foram envolvidos na resposta à pandemia Covid-19. Em termos de especialidades médicas, houve algumas especialidades mais intensamente solicitados, como a Anestesiologia, a Medicina Intensiva, a Infecciologia, a Medicina Interna, a Patologia Clínica, a Medicina Geral e Familiar e a Saúde Pública; mas insisto, todos foram chamados.

DESAFIO
O conhecimento gerado a um ritmo elevado ajudou ao combate da doença.

GA! - Como reagiu a comunidade médica aos efeitos deste vírus?
NS - Tentando ajudar.

GA! - O SNS e os hospitais em geral estavam preparados para esta luta? Tinham competências e capacidades adequadas?
NS - De uma forma resumida, porque este é um tema muito complexo, o SNS e os Hospitais deram a resposta possível e não houve rotura do sistema de saúde em Portugal.

GA! De que instrumentos e ferramentas se serviram os médicos neste combate desigual? Que técnicas tradicionais foram

"O novo vírus foi combatido com o conhecimento que já tínhamos acerca do combate a outros vírus e também com o conhecimento que entretanto foi gerado."

© DIREITOS RESERVADOS

A escola da UMinho ligou-se às comunidades científicas internacionais.

usadas contra esta infecção?
NS - Das que se usam habitualmente. A Medicina fundamenta a sua acção na evidência científica. Neste caso, o novo vírus foi combatido com o conhecimento que já tínhamos acerca do combate a outros vírus e também com o conhecimento que entretanto foi gerado a um ritmo muito elevado.

GA! - Em termos diagnóstico e tratamento, que exames, foram usados: raio x aos pulmões, análises de sangue, outros?
NS - O diagnóstico foi feito através de análises de rt-PCR (que permite detectar a presença do vírus); o tratamento foi feito de acordo com as normas orientadoras para o efeito, sabendo-se que não existe até ao momento nenhum fármaco isolado que resolve o quadro clínico.

GA! E ao nível da medicação, quais os medicamentos mais utilizados? Os tratamentos eram muito agressivos?
NS - Foram seguidas as recomendações efetuadas pela OMS e pelas Sociedades/organizações Científicas.

GA! - E de que modo essa informação contribuiu para o tratamento?
NS - Para garantir os melhores cuidados clínicos aos doentes.

GA! - A experiência de outros países chegou a Portugal e ao Minho ou foi tudo aprendido pela televisão?
NS - Claro que Portugal, e o Minho, também estão ligados às comunidades científicas internacionais. A informação médica é partilhada em publicações científicas e em normas que são produzidas pelas Sociedades científicas, pelas Autoridades de Saúde e pela OMS. A partilha de informação entre todos foi fundamental. Portugal não só beneficiou do conhecimento que foi gerado noutros países como também gerou conhecimento que já se encontra publicado em revistas científicas de grande relevância.

"Portugal não só beneficiou do conhecimento que foi gerado noutros países como também gerou conhecimento que já se encontra publicado em revistas científicas."

© DIREITOS RESERVADOS

GA! - A informação é essencial neste combate?
NS - Sim, é de grande importância.

GA! - O que foi esta experiência para os jovens que estão no curso de medicina?
NS - Os estudantes de medicina das Escolas Médicas portuguesas, e em particular da Escola de Medicina da UMinho, foi muito positiva, fizemos adaptações ao nível pedagógico - o ensino presencial passou para ensino à distância, tendo-se envolvido em várias iniciativas de ajuda na resposta à crise pandémica, em que todos se envolveram e ajudaram para dar o seu melhor. ■

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

Inabilidade política e administrativa causa efeito político

Ambiente na AM carregado de Vi(t)rus

▶ Não foi uma Assembleia Municipal (AM) pacífica para Domingos Bragança, no último dia do mês de Junho. Sofreu os efeitos de uma inabilidade política e administrativa da Vitrus no registo da demissão do director executivo que pôs a nú um poder unipessoal do presidente do conselho de administração, antes de alterados os estatutos que lhe dariam e darão mais poder.

Foi uma discussão a três - entre Domingos Bragança e os deputados Rui Armindo Freitas (PSD) e Paulo Peixoto (CDS). E tudo por causa do funcionamento de uma empresa municipal ao nível da administração.

Sérgio Castro Rocha, o actual presidente do conselho de administração não executivo, também deputado municipal, como presidente da Junta de Ponte, ficou ao largo da discussão por ter pedido a suspensão do seu mandato (por 30 dias), sendo substituído por outro membro da Junta de Freguesia.

Os deputados da oposição aproveitaram esta benesse do que é já conhecida como *"falta de articulação política no PS na sua relação com a Câmara"*, cujos líderes andam mais ocupados com a Federação Distrital do partido do que com a casa comum - administração municipal - cheia de conflitos *"por causa de ambições de poder, presente e futuro, de algumas pessoas"*.

O cerne da questão foi a demissão - atribulada - de Daniel Pinto, um militante do PS - que até Março, foi administrador executivo da Vitrus, posição que vinha exercendo desde Setembro de 2011, após a saída de Rui Oliveira - também do PS e que foi o primeiro administrador executivo da empresa. E deixou o cargo por divergências claras, notórias e não disfarçáveis com Sérgio Castro Rocha, nomeado presidente do conselho de administração, em 2017, após a saída de vereador de Amadeu Portilha - pai da Vitrus - e que naturalmente acumulava o cargo com o de vereador, tal como noutras empresas ou cooperativas municipais.

Daniel Pinto exercia as suas funções na base dos estatutos em vigor que Sérgio Castro Rocha não queria respeitar. E que após quase três anos não conseguiu alterar - pese a sua

O debate sobre a Vitrus é mesmo um caso único na política local.

© DIREITOS RESERVADOS

➡ ***"Tanto quanto sei…é independente"…***

Foi desta forma que Domingos Bragança qualificou a classe política a que pertence Sérgio Castro Rocha, o presidente da Junta de Ponte que tem feito um percurso político, à margem do rio socialista, ficando longe e apenas participando em circunstâncias institucionais, sem mergulhar nas questões partidárias, de forma clara.

➡ ***"Não tem valor…do ponto de vista formal"***

O presidente da Câmara e o deputado do CDS/PP entenderam-se na classificação do *email* que Daniel Pinto enviou. E desclassificaram-no em termos administrativos, sem justificar o que vale então o *email* que foi exigido na Conservatória do Registo Comercial? E sem o qual, o registo da renúncia não teria sido conformada, nem permitido que um outro administrador fosse nomeado…

➡ ***"Acusar (na AM) é algo de perturbador…"***

Domingos Bragança ripostou as acusações de Paulo Peixoto sobre algumas anomalias na Vitrus. E pediu ao deputado do CDS/PP que fosse consequente e tomasse diligências para provar que o disse está certo.

➡ ***"Daniel Pinto não teve esse cuidado…"***

Foi desta forma cáustica que o presidente da Câmara classificou a renúncia, de um administrador dedicado e competente que o PS reconhece. E o pior é que Domingos Bragança fê-lo em contra-ponto com o período em que Sérgio Rocha assumiu, de facto, que não de direito, a gestão executiva da Vitrus. Nem Daniel merecia isso

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

proximidade com o presidente da Câmara - para imprimir o seu rumo (unipessoal) à empresa.

Foi assim que se cozinhou uma guerra entre administradores executivos e não executivos. Tem sido habitual que os vereadores sejam *"comandantes"* das empresas e cooperativas municipais, onde a Câmara é maioritária, no capital social. E na Vitrus era assim até ao momento em que Amadeu Portilha, abandonou a vereação onde a área do Ambiente era da sua responsabilidade.

Sérgio Castro Rocha entrou assim numa empresa que não estava preparada para o receber...tal como um elefante entra num loja de porcelana. E cometeu o erro de querer mudar a gestão da empresa sem mudar os estatutos. Daniel Pinto sentiu-se ameaçado pelo *"quero, posso e mando"* do presidente do orgão da administração e seguiu o seu caminho de administrador com as prerrogativas do contrato de gestor público que assinou e com as normas dos estatutos em vigor. E com a força de ser ele o administrador executivo.

E o mal-estar instalou-se. Daniel Pinto executava

> Sérgio Castro Rocha tentou ludribriar o poder executivo de Daniel Pinto, com a indicação de um director-geral da sua confiança...

o que estava definido no plano de actividades e Sérgio Rocha queria *"mandar"* mais apenas porque se sentia presidente...

O conflito entre administradores não parou e até se acentuou quando Sérgio Castro Rocha tentou ludribriar o poder executivo de Daniel Pinto, com a indicação de um director-geral da sua confiança, João Pedro Castro, de modo a *"travar"* a acção do seu administrador executivo, cuja promoção não foi unânime no concelho de administração. Para reforçar esta desavença entre o presidente não executivo e o administrador executivo, a João Pedro Castro - um funcionário que em curto espaço de tempo assumiu posições de destaque - e a quem foram atribuídas funções enquanto director-geral idênticas às que exercia Daniel Pinto. Este novo esquema foi definido em

© MUNICÍPIO DE GUIMARÃES

Os novos protagonistas da Vitrus não podem enterrar a identidade e a matriz da empresa.

Novembro de 2019 para passar a ser implantado em Janeiro de 2020.

O ex-administrador executivo confirma esta *"ilegalidade"* pois nunca abdicou das suas funções, esclarecendo até que João Pedro Castro, *"recebia um vencimento por funções que não desempenhava"*. E ainda gozava de isenção de horário de trabalho.

João Pedro Castro, é trabalhador da empresa, desde 2013, e por ser Mestre em Educação, Trabalho e Recursos Humanos, com pós-graduação em gestão de empresas, exerceu cargos superiores na Vitrus, nomeadamente de Técnico Superior, responsável de serviço e director-geral. E depois da saída de Daniel Pinto passou a administrador executivo.

É neste contexto que se desenrola o ambiente político da sessão da Assembleia Municipal, de 30 de Junho. ■

FRASES

pelo seu passado, nem Domingos Bragança devia ter esquecido o teor do *email* onde é claro que não há *"química"* entre dois membros de um mesmo órgão de gestão, em que um se julga mais do que outro, para além do que está escrito nos estatutos.

➡ ***"Não diz em lado nenhum…"***

Nas interpretações que se ouviram sobre esta matéria, Rui Armindo Freitas, defendeu que as competências do conselho de Administração da Vitrus são claras nos estatutos. *"Não se diz em lado nenhum… que o presidente* (não executivo) *do conselho de administração se deva substituir ao administrador executivo na condução da gestão efectiva da empresa"*.

➡ ***"Se está tão satisfeito…. com Sérgio Castro Rocha..."***

Foi em jeito de sugestão mas também de desafio. Rui Armindo Feitas interrogou Bragança porque é que... *"se está tão satisfeito com a prestação de Sérgio Castro Rocha como presidente do conselho de administração a fazer funções executivas porque é que não o promove e seja... ele o administrador executivo da Vitrus? E aí o assunto ficava resolvido na totalidade, ficando o vereador do pelouro como chairman da companhia como acontece noutras empresas."*

➡ ***"…eu nunca fui mal educado…"***

Foi um registo com tristeza. Paulo Pacheco evidenciou-o porque *"o senhor presidente"*...disse antes que *"a minha intervenção não tinha sido feita com urbanidade"*, como a de Rui Armindo Freitas. O deputado do CDS/PP rejeitou a classificação da sua intervenção dizendo que *"nunca fui mal educado"*, pois *"o senhor presidente conhece-me há muitos anos"*.

➡ ***"…e o que dirá de Luís Soares?"***

Paulo Peixoto, ao jeito de quem faz uma pega de cernelha... atirou contra Bragança: *"...se me chama de falta de urbanidade, a mim, o que vai dizer de Luís Soares que na sua intervenção inicial disse que a governação de Domingos Bragança é preocupante em Guimarães, não sei o que vai entender sobre isso?..."*

➡ ***"...eu digo não à hierarquia..."***

Indiferente ao que dispõe a lei nº 50/2012, o presidente da Câmara insiste em *"reforçar"* os poderes de Sérgio Castro Rocha, considerando que a filosofia de uma empresa pública ou municipal, é a mesma de uma empresa privada, onde *"o patrão é que manda"*. Por isso, entende que pode dizer *"não à hierarquia"*, só para fazer valer o poder do conselho de administração como o dono daquilo (Vitrus) tudo, esquecendo de alterar estatutos e... respeitar outras regras.

➡ ***"Vitrus é um exemplo de empresa..."***

Foi uma constatação, ainda que sem sondagem, o presidente da Câmara devotou-se à Vitrus e afirmou que *"os vimaranenses sentem que a Vitrus é um exemplo de empresa, hoje, não é à três anos, é à três, quatro…à três meses e é hoje..."*

➡ ***"Que importa um administrador..."***

"Agora a substituição de um administrador. Que importa isso? O que interessa é que a empresa funcione bem, dentro do quadro legal… isso é que importa". *"Nas empresas privadas admite-se que haja um conflito e que ninguém o resolva?"* - interrogou o presidente que falou por enigmas e contradições. *"É para resolver, não se pode pôr em causa o funcionamento da empresa"*.

➡ ***"Fez muito bem..."***

"...Daniel Pinto fez muito bem... Apreciou... achou que não tinha consonância com o presidente do conselho de administração, que havia dissonâncias, questões de feitio, de questões de entendimento sobre o que era a empresa, então demitiu-se e muito bem"...

➡ ***"...O que está mal, afinal?"***

Nem sempre foi fácil decifrar o discurso de Domingos Bragança nesta sessão. Não foi tão linear quanto costuma ser. A certa altura, depois de elogiar a função social da Vitrus, perguntou: *"O que está mal, afinal?"*. ■

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

PSD não quer a Vitrus a mudar modelo de gestão só para agradar ao seu presidente

"O problema não é das calças, é de quem as veste"

▶ Rui Armindo Freitas (PSD) acusou Sérgio Castro Rocha, de ir além do mandato de representação do Município, na Vitrus Ambiente, pois *"usurpou das suas funções"* no órgão de gestão enquanto presidente do conselho de administração.

Rui Armindo Freitas (PSD), não tem dúvidas de que, como o seu partido, já tinha *"alertado"*, que algo não estava bem na Vitrus Ambiente, empresa municipal, criada em 2010.

"É algo que vai para além do mal-estar entre duas personalidades" - afirmava no período de antes da ordem do dia.

O deputado do PSD deixava claro que o presidente do conselho de administração da Vitrus {Sérgio Castro Rocha} *"incorreu numa postura de gestão activa da sociedade"*, não se sabendo se por sua iniciativa ou por *"ordem do accionista"*, deixando dúvidas se a Câmara *"teve conhecimento desta potencial e grave violação que levou à demissão do administrador executivo"* {Daniel Pinto}.

Rui Armindo Freitas disse até que *"importa esclarecer se em algum momento o administrador executivo"*, de então, *"foi alvo de assédio"*...

Rui Armindo Freitas disse até que *"importa esclarecer se em algum momento o administrador executivo"*, de então, *"foi alvo de assédio"* por parte de Sérgio Castro Rocha, enquanto presidente do órgão de gestão da empresa municipal.

Numa intervenção serena, o deputado do PSD, reconheceu que face aos estatutos, *"o presidente do conselho de administração, não executivo, não tem qualquer tipo de ingerência na gestão corrente da empresa"* e enquanto *"representante do Município subverteu as regras da sociedade, tomando para si funções que não lhe dizem respeito, desempenhando um papel em que não foi investido por todos nós"*.

"Estamos perante factos de gravidade suficiente" - disse Rui Armindo Freitas, acrescentando que Daniel Pinto classificou esta ingerência de caso *"patológico"*, dada *"a forma violenta como o presidente do conselho de administração se sobrepôs ao seu papel de gestor executivo da empresa, desrespeitando e violando de forma flagrante o modelo societário"*.

Intrigado por não perceber se, houve de facto, *"ordem do accionista"* para interferir na gestão ou Sérgio Castro Rocha actuou por conta própria, ou até se este incidente não significa *"um assalto do PS à administração de uma empresa municipal, de forma directa, colocando a agenda partidária e pessoal de um dos seus representantes à frente da vontade da sociedade e do plano de actividades aprovado"*, Rui Armindo Freitas pediu *"uma clarificação urgente"* deste caso político, pois, nenhum dos cenários que elencou *"um é menos grave que outro"*.

> "Se o representante do Município não se sabe comportar de acordo com as regras societárias, alteramos então as regras, como quem faz umas calças à medida."

O deputado do PSD também defendeu que o modelo de gestão da Vitrus é comum a vários empresas municipais. E lembrou que o presidente da Câmara já havia dito publicamente que os estatutos da empresa deviam ser revistos *"para se adequarem ao estilo do seu representante"*, algo que não aconteceu noutras empresas do Município, até agora.

Rui Armindo Freitas classificou esta *"intenção"* do presidente da Câmara numa *"lógica, de ver o mundo ao contrário"*, deixando claro que *"se o representante do Município não se sabe comportar de acordo com as regras societárias, alteramos então as regras, como quem faz umas calças à medida"*.

O deputado do PSD acrescentou que *"não se esqueça senhor presidente que no modelo de gestão, não está nada de errado, há imensas empresas com modelo idêntico, e lá porque agora quer alterar os estatutos à medida do representante por si escolhido, tenha em mente que o problema não é das calças, é de quem as veste"*, disse interpelando Domingos Bragança. ■

Rui Armindo Freitas acendeu o rastilho da discussão.

© DIREITOS RESERVADOS

Paulo Peixoto, sarcástico sobre a actuação da empresa municipal

"Vitrus funciona sem lei... mas com Rocha"

▸ Paulo Peixoto (CDS/PP) não quis ficar de fora deste *"banquete político"* que emergiu da Vitrus, pela demissão de um dos seus administradores.

Servindo-se do *email* que foi dirigido ao presidente da Câmara, em que o administrador executivo menciona o propósito de se demitir, Paulo Peixoto, não só constatou *"o mau ambiente"* que se vivia na Vitrus, como acentuou as *"incongruências"* deste processo, por ter começado com um pedido de demissão, escrito num *email*, dirigido a um destinatário errado, e que *"serviu também de sustentação"* na comunicação dessa renúncia ao Registo Comercial. *"É uma telenovela que parece uma tragédia"* - ironizou o deputado centrista.

Paulo Peixoto questionou depois, se, circulando do presidente da Câmara, para a administração da Vitrus e desta para a conservatória, não houve violação de correspondência particular e privada, a que se refere o artigo 194º do Código Penal, com o acesso ao *email* por suportar a justificação da renúncia de Daniel Pinto por uma inscrição no Registo Comercial.

O conteúdo do *email*, de que Paulo Peixoto citou algumas passagens, revela não apenas o mal-estar na administração como dá conta *"ao presidente da Câmara"* de situações de perturbação do funcionamento da empresa, com origem no comportamento do presidente do conselho de administração, {Sérgio Castro Rocha} desde a sua posse {em 2017}, perante o administrador executivo. Este documento *"não formal"* para o acto que se queria registar, na Conservatória refere também uma auditoria, de 2019, onde estas perturbações de funcionamento são aclaradas, e sobre o qual Paulo Peixoto não deixou de constatar como contendo *"pressões"* do presidente do conselho de administração, *"relativas à atuação da empresa sobre determinado território"*. E acusa, de que *"a vila de Ponte ficou como um brinco a fazer inveja a algum campo de futebol..."*, acrescentando que *"pena é que não seja assim em todo o território concelhio"*, depois da saída de Daniel Pinto.

Paulo Peixoto atacou depois interesses privados que se movem em torno da Vitrus. E incitou a Câmara, a saber *"se há empresas privadas geridas por colaboradores operacionais da Vitrus a fazer trabalhos concorrenciais com a própria empresa"*, especificando que esses trabalhos são feitos *"em horários que poderiam e deveria ser feitos pela Vitrus"*, classificando esses *"relacionamentos... que vou apelidar, no mínimo, de promíscuos"*. ■

© DIREITOS RESERVADOS

Paulo Peixoto tem dado vida ao CDS/PP na AM.

> "É uma telenovela que parece uma tragédia."

> Paulo Peixoto atacou depois interesses privados que se movem em torno da Vitrus. E incitou a Câmara...

> "A vila de Ponte ficou como um brinco a fazer inveja a algum campo de futebol... pena é que não seja assim em todo o território concelhio."

> "Se há empresas privadas geridas por colaboradores operacionais da Vitrus a fazer trabalhos concorrenciais com a própria empresa."

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

Presidente da Câmara apoia uma hierarquia...sem lei

"Quando não se aceita a qualidade de presidente, as coisas podem não correr bem"

▶ A questão da Vitrus incomodou politicamente Domingos Bragança. O nervosismo que evidenciou nas explicações dadas, não lhe é comum, em sessões da Assembleia Municipal para as quais se prepara.

O excesso de zelo em elogiar a gestão de Sérgio Castro Rocha, de considerar exemplar o desempenho da Vitrus - como se não fosse normal e exigível de um serviço público - e de causticar a renúncia explicada, justificada e adiada de Daniel Pinto, só se compreende em quem não lê os papéis - e Bragança até costuma mostrar que domina os dossiers, o que não foi o caso.

Daniel Pinto explica no seu *email* que a sua renúncia podia ser imediata ou a prazo (em 15 de Abril), para não criar constrangimentos à empresa. Está escrito no seu *email*. E lá também se refere que ele - ex-administrador - se cansou das *"manobras"* que se lhe faziam veladamente para o forçar a uma saída, de um cargo que já estava a ser preparado para outro. E mesmo de que lhe usurpavam funções e competências, desde Janeiro deste ano, em favor de um director-geral nomeado à pressa e que foi depois promovido a administrador executivo.

Como é que o presidente da Câmara podia querer que o ex-administrador continuasse a dirigir a empresa quando ignorou as questões denunciadas por Daniel Pinto? E como o pode acusar de *"descuidado"* por a renúncia ter sido comunicada antes do início da pandemia?

Mas *"as pontas soltas"* da discussão que houve entre o presidente da Câmara e os deputados do PSD e CDS/PP também ficaram relativamente à auditoria feita à Vitrus, em 2019. O presidente admite que *"quando um presidente se vê na obrigação de mandar fazer uma auditoria, algo, no entender de um conselho de administração, não está bem. E foi isso que aconteceu."* E repete *"e agora está bem. Tenho de dizer que está bem, existe um presidente do conselho de administração, a assembleia geral diz que está bem, e tem funcionado nestes quatro, cinco meses bem"* - revela o presidente da Câmara, na sua intervenção, na sessão do parlamento local.

Perante estas afirmações, ninguém percebeu porque foi feita e qual foi o efeito da auditoria. O que apurou e que responsabilidades podem ser atribuídas ao conselho de administração e aos seus membros.

Mesmo sobre as alegadas relações *"promíscuas"* que Paulo Peixoto disse haver na Vitrus, o presidente disse: *" não conheço caso nenhum…"* rejeitando que *"a Vitrus funcione sem lei…"*. O mesmo disse em relação aos *"privilégios"* que alguns *"territórios"* têm em relação a outros, na actividade da empresa municipal.

Na sua intervenção, Domingos Bragança, fez perguntas preocupantes e *"práticas"*. *"Alguma vez, algum presidente do conselho de administração que é o rosto da empresa, aceitará que não possa definir, o que é a política da empresa, as actividades da empresa e o seu plano de actividades?"*

A verdade é que o Município não fez nenhum contrato com o conselho de administração da Vitrus mas fez um contrato com o gestor público, Daniel Pinto.

No contexto em que disse para além de se revelar defensor do presidencialismo sem lei, Bragança entende que o

© DIREITOS RESERVADOS

Domingos Bragança não demonstrou à vontade no debate político.

> Existe um presidente do conselho de administração, a assembleia geral diz que está bem, e tem funcionado nestes quatro, cinco meses bem."

> Como é que o presidente da Câmara podia querer que o ex-administrador continuasse a dirigir a empresa...

título - neste caso presidente não executivo - ultrapassa as malhas da lei, dos estatutos. E é suficiente para definir o modo de *"mando"* na Vitrus. Também deixa a impressão de que as empresas públicas são uma coutada privada, - de quem manda ou julga mandar - de que não existem instrumentos como um contrato com o gestor público ou um contrato-programa com a empresa a que se pede para prestar um serviço. E até uma lei definidora de competências.

E acentua ainda mais essas preocupações, afirmando: *"quando me é dito que um presidente do conselho de administração é igual e não tem hierarquia em relação aos outros dois elementos vogais… eu digo, não à hierarquia… a hierarquia é o presidente da empresa que é quem representa a empresa em juízo e fora dele, portanto a hierarquia está bem definida, ele é que é o presidente. Ora quando não se aceita essa qualidade de presidente, as coisas podem não correr bem…"*

Este à vontade, de *"impôr"* o presidencialismo, sobre e acima de instrumentos legais e associativos deixa o presidente da Câmara numa situação de absoluta veneração de Sérgio Castro Rocha que quer gerir uma empresa municipal, para além de competências próprias consignadas a serviços e dirigentes.

A sua condescendência para com Sérgio Castro Rocha - incomparável na história do sector empresarial local - que se deparou com um quadro regulamentar e estatutário que não concorda e que julga poder alterar pelo seu capricho é ainda mais preocupante, pelos conceitos que defende. Ora, o que é normal é o *"político"* adequar-se à lei - e não ser a lei - e se não concorda, faz ou propõe as alterações e reformas que entende. O que nunca aconteceu.

Sérgio Castro Rocha, não pode ver a Vitrus como Luís XIV via o Estado francês, porque *"o presidente é tudo"* e na Vitrus o que estava mal - e a mais - era, afinal, o administrador executivo, um gestor público nomeado por força de uma lei que agrada a todos - e que teve um tratamento ao nível de um chefe de secção… se é que um chefe de secção pode ser tratado assim. Perante o apoio do presidente da Câmara, fica evidente que o autarca de Ponte, não entende - e muito menos percebe - que um administrador executivo, está vinculado a um contrato de gestor público, e uma lei definidora de competências, que tem regras e pressupostos legais, subscrito com o Município. E não com nenhum conselho de administração, seja qual for empresa.

> "A hierarquia é o presidente da empresa que é quem representa a empresa em juízo e fora dele, portanto a hierarquia está bem definida.

Numa tentativa de tapar o incómodo desta questão política, com origem a norte, do sector empresarial municipal, Domingos Bragança, dissertou sobre *"a ingerência"* da Câmara nas empresas que domina e que cria e nas quais coloca capital, deixando entender que a *"ingerência"* que faz ou é a pedido ou por *"deferência"* de quem é tutelado.

Considera mesmo um *"desconforto"* quando lhe apresentam *"os problemas do dia-a-dia"*, que cada entidade, devia resolver por si e não levar ao conhecimento de presidente da Câmara. E lembra, muito bem, que as empresas e cooperativas obedecem a contratos-programas, caucionados e aprovados pelos órgãos do Município, com objectivos definidos.

Domingos Bragança justifica que a única ingerência que o presidente da Câmara tem *"é quando assina o contrato programa"* com a empresa que presta serviços ao município e na altura em que assina o contrato que nomeia o gestor público dessa empresa.

Noutras respostas dadas às interpelações dos deputados do PSD e CDS/PP, uma sobre o conflito de interesses que a função que Sérgio Rocha exerce na Vitrus e na Junta de Ponte - e que Rui Armindo Freitas denunciou existir - de se sustentar que *"há territórios privilegiados"*, pelos serviços da Vitrus, o presidente da Câmara foi desafiado a *"se está tão satisfeito com a prestação de Sérgio Castro Rocha, como presidente do conselho de administração a fazer funções executivas, porque não promove que seja ele o administrador executivo da Vitrus e o Vereador do Ambiente passa a chairmam da companhia, como acontece noutras empresas"*. ■

Há a tentação para colocar a Vitrus além das empresas municipais.

© DIREITOS RESERVADOS

OPINIÃO

José Eduardo Guimarães
Director & Editor
je.guimaraes@guimaraesagora.pt

E do ponto de vista político?

Um militante do PS foi deposto por um *"independente"* assim reconhecido pelo presidente da Câmara, na administração da Vitrus. Do ponto de vista partidário que leitura pode ter este sair de *"um dos nossos"* - como podem dizer os militantes do PS - para entrar *"um dos outros"*? A questão não é de competência... pelo que se viu e ouviu, pois Daniel Pinto saiu com o seu estatuto de *"gestor"* imaculado. Sendo política, logo arbitrária, o que pensarão os *"pares"* - os militantes do PS que amanhã também poderão estar no lugar de Daniel Pinto? Não fosse a conjuntura local e o PS Guimarães diria alguma coisa, sobre esta mudança? E se Daniel Pinto não fosse apoiante de Ricardo Costa, na corrida para a Federação Distrital, o que diria a comissão política? Há mais perguntas que se podem fazer. Uma delas, é que o PS consolidou aos olhos dos eleitores, uma imagem de competência dos seus membros ou militantes. De que modo se pode enriquecer o PS ao desperdiçar - e maltratar - os seus melhores, os seus talentos? Muitos desses talentos - revelaram-se no exercício de funções políticas, ao nível da vereação e da assessoria política, estão a engrossar uma lista de quadros que se vão colocando numa *"prateleira"* e desistem até já de ser *"reserva"*, deixando-se caminhar numa carreira de funcionalismo público, em devido tempo assegurado. Será que os militantes gostam de se ver substituídos por quem não veste a sua camisola e apenas se aproveita do cargo que exerce para partilhar poder ou aceder ao poder? E se esta ascensão louca pelo poder não se ficar por aqui? Como reagirão os militantes do PS? Olhando para o lado, fazendo de conta que isto não é consigo? Terão os socialistas sentido crítico para não apreciarem esta confusão que reina na sua casa, sem sentido de colectivo mas antes com o coletivo a servir para algumas ambições mais particulares? E no futuro próximo, nas próximas eleições autárquicas, o dito *"independente"* - que acha que os partidos são má escola - vai continuar a ser promovido, em detrimento dos políticos que o PS revelou ter e que estão a ser colocados ao lado e de parte, apenas porque são competentes e que sonham legitimamente ir mais além, na carreira do poder local ou nacional? Há um dado importante no actual PS Guimarães: é o de que se auto-flagela por não saber regular a sua vida interna, discutindo questões de mercearia interna, baixando o nível de qualificação e preparação para cargos públicos, deixando que os bons se pareçam com os maus, numa anarquia de valores e capacidades. É que, há muita gente, a pensar que o PS não precisa da sua história e do seu passado, dos seus feitos, para se manter no poder. O prestígio do partido - com os homens e as mulheres que o compõem - foi um ganha pão até agora, mas pode estar em declínio, e deixar de ser moda. Nos partidos discute-se muito em função de um presente que agrada a uma determinada elite e a uma conjuntura... mas o passado feito presente - *slogan* que a Câmara Municipal utiliza, pode estar a ofuscar-se por falta de reflexão, visão política... No PS há muitos militantes e dirigentes habituados a conquistar o poder pela força do voto. Mas pode estar a emergir, agora uma força catalizada no voto, mas que se instalando, pé ante pé, de forma pretensamente desinteressada, a partir do que o voto pode dar e que já iniciou uma maratona...

> Há um dado importante no actual PS Guimarães: é o de que se auto-flagela por não saber regular a sua vida interna…

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

Autarcas de freguesias nas empresas locais

Uma Vitrus...de Ponte e de Pencelo

▶ O presidente e a tesoureira da Junta de Freguesia de Ponte, e o secretário da Junta de Freguesia de Pencelo, são hoje os rostos da administração da Vitrus Ambiente, SA.

Duas Juntas de Freguesia nunca se viram melhor representadas na administração municipal como as de Ponte e de Pencelo.

Sérgio Castro Rocha e Maria José Martins - presidente e tesoureira de Ponte - e João Pedro Castro - secretário de Pencelo - formam um triunvirato de administradores, de uma empresa municipal, cuja governança, não tem paralelo, no vasto universo empresarial do Município.

Nenhum dos três, tem currículo *"verde"* para a avalizar a sua entrada na administração de uma empresa que se impôs como versátil, inovadora e com capacidade de resposta nas questões de desenvolvimento urbano, como a recolha de resíduos e o estacionamento.

Porém, isso não os impediu de chegar ao topo da administração (da empresa) e do quadro de funcionários, numa Vitrus a quem quer juntar a área dos transportes de passageiros, da rede municipal.

Sérgio Castro Rocha e Maria José Martins, formam a dupla de Ponte, uma freguesia que ensaiou algumas intervenções no ambiente, que outras freguesias não lograram, como a construção de um horto, para além outras incursões de modo a tornar a vila num *"concelho dos pequeninos"*. São ambos administradores não executivos e politicamente ditos de *"independentes"* - em quem Domingos Bragança confia - e que foram eleitos nas listas do PS, nas últimas autárquicas (com uma fugaz incursão nas listas da Coligação Juntos por Guimarães (PSD+CDS/PP).

O já administrador executivo - João Pedro Castro - é secretário na Junta de Freguesia de Penselo, e apesar de ser funcionário da Vitrus - onde entrou ao abrigo de um estágio profissional - não tem no seu currículo qualquer experiência na área do ambiente. É militante do PS. E teve uma carreira fulgurante no quadro da empresa, chegando a director-geral, a mais recente categoria criada no quadro de pessoal.

Este trio que agora se juntou na administração, trabalhou com Daniel Pinto, em posições concertadas, como se veio a reconhecer, de modo a afastar o ex-administrador executivo da órbita da gestão da empresa, numa perigosa - e sempre difícil - tarefa de fazer esquecer o passado que é a história mais expressiva da empresa. A Vitrus, é o que é, pelo que conseguiu fazer e promover até 2017.

Na assembleia geral, a Câmara representa-se pelo chefe de gabinete do presidente, ou seja por Vítor Oliveira, também militante socialista. Curiosamente, a secretária da assembleia geral - Mónica Félix - é militante socialista e foi candidata na União de Freguesias de Abação/Gémeos.

> Este esquema de governança da Vitrus, para além de estranho, pelas ligações que proporciona...

Este esquema de governança da Vitrus, para além de estranho, pelas ligações que proporciona, foi formado e engendrado no tempo em que se temia pelas repercussões da tomada de poder no PS por Luís Soares, à cabeça do então famoso grupo das Taipas e sul do concelho. E a ameaça que representava para alguns altos comandos do Convento de Santa Clara.

E assumiu-se como uma via de reserva, conotada a uma minoria, construída sobre um sindicato de voto virtual, com gente de Ponte facilmente dominável - politicamente - por Sérgio Castro Rocha.

Até hoje, ninguém se insurgiu nem contra este modelo de governação que substitui militantes do PS na empresa por *"independentes"* sem historial no partido, o que adensa ainda mais o panorama político local por se basear muito em determinadas figuras que impõem o seu poder unipessoal.

Domingos Bragança, foi o padrinho desta solução, que, em 2017, após a saída, no fim do mandato, de Amadeu Portilha, de Vereador do Ambiente, deixou aquela empresa municipal, fora do comando hierárquico e político do pelouro do Ambiente e à solta, *"permissiva de interesses inconfessáveis"*, como revela uma fonte socialista avessa a que *"estranhos"* dominem o partido, tomando lugares de relevância na administração municipal.

Sofia Ferreira abdicou de ter a Vitrus no seu pelouro, onde há técnicas especializadas em Ambiente que tiveram uma experiência bem sucedida na empresa municipal e que são as suas mais directas e actuais colaboradoras. E que a continuar assim garantiria maior sucesso aos desígnios que a empresa quer perseguir numa área estratégica, e com importância na ideia *"Guimarães mais Verde"* que o presidente da Câmara tem desejado concretizar. E que de certo modo garantia uma articulação política das questões ambientais.

Nunca nenhuma administração de empresas e cooperativas municipais foi tão polémica quanto esta por estar, não apenas a dividir a família do PS, hoje, assente num rendilhado de grupos, sindicatos de voto e de interesses como nunca esteve.

A Vitrus sujeita-se assim a uma administração que pode ser acusada de imparcialidade na sua conduta - como sustentou o deputado municipal do CDS/PP, na última assembleia municipal, por discriminar territórios na sua acção, de poder servir de exemplo para novas nomeações de administrações, baixando a quota de qualidade, exigência e competência gestionária. E de permitir que os quadros do PS sejam discriminados no acesso aos lugares de confiança política. ■

© DIREITOS RESERVADOS

Situação confusa na Vitrus

Isto é uma espécie de poder político…unipessoal!

▶ A Vitrus é uma empresa municipal onde o vereador do Ambiente devia *"mandar"* e não sendo assim, está perto de girar numa rota diferente da representação política municipal, o que agrada uns e desagrada a outros. E a fulanizar estruturas que devia ser institucionais e estão a tornar-se de grupos e tendências.

A Vitrus Ambiente, é uma empresa municipal, onde o Município detém 100% do capital social. Por isso, é a Câmara que nomeia os seus gestores, em função da convicção e desejo do seu presidente ou até de um núcleo dirigente e político - como outrora.

De entre as empresas e cooperativas municipais, onde foram delegadas competência em diversas áreas e sectores, a Vitrus Ambiente, assentou num modelo de gestão e de governança, deixou de ser institucional, posta em causa por quem adopta *"o quero, posso e mando"* como método de gestão e liderança, que não é a melhor prática para gerir o que quer seja, público, político e municipal. E serve uma estratégia de circunstância.

Ontem, o modelo escolhido foi o de um fato à medida, em função do pessoal político disponível para nela intervir, com acerto; hoje esse modelo esbarra com os *"apetites"* de promoção política que alguém ambiciona concretizar, numa estratégia de poder que está para além dos verdadeiros interesses de Guimarães - que nem sempre a comunidade política eleita julga respeitar.

Estas *"invenções gestionárias"*, abalam a representação política, da maioria, nas diversas empresas, apesar de haver bons exemplos - que só precisavam de ser replicados. E onde a representação política se faz através de políticos eleitos como são o presidente e vereadores do Município.

A Casfig, a Fraterna (ambas presididas por Paula Oliveira), A Oficina (por Adelina Pinto) e a Turipenha (por Sofia Ferreira) são os melhores exemplos e as que nunca registaram conflitos de sobreposição de poderes naturais ou alternativos. O vereador da área determina sem ostentar o seu *"mando"*, colabora e coopera, agindo também em função do órgão de que faz parte, segundo uma cadeia de comando política que não deixa dúvidas. E persegue fins de interesse público inequívocos.

Há outros exemplos menos conseguidos. A Tempo Livre, enquanto cooperativa onde o Município, também é dominante varia entre a representação directa, através de um vereador, ou indirecta (o representante da Câmara na Direcção não é um eleito local). Ricardo Costa tem o pelouro do Desporto mas o presidente da direcção é Amadeu Portilha, indicado pela Câmara. A Turitermas também seguiu esse (bom) exemplo de estar na dependência directa de um vereador, assumindo com Ricardo Costa - uma pretensa autonomia de que a Taipas Turitermas não é uma cooperativa municipal mas sim local - e cujos gestores deviam ser das *"Taipas"* - vulgo Caldelas - de modo a satisfazer algum clientelismo partidário. Nesta cooperativa, a Câmara nomeia o presidente e retoma agora com a anunciada indicação de Sofia Ferreira para o seu posto, a representação democrática e natural do Município por políticos eleitos, deixando que alguns assessores da vereação assumam funções noutros órgãos como a assembleia geral ou conselho fiscal.

Há a expectativa - ou talvez a veleidade - de ressurgir um poder indirecto com a nomeação de Sofia Ferreira, a partir da Junta de Freguesia ou mesmo de alguns funcionários que se podem querer colocar numa posição de destaque. O que se passou na Vitrus pode ressurgir, com outros contornos, na Turitermas, no curto prazo, se persistir a prática de utilizar estas empresas e cooperativas para armas de arremesso político.

Mas o caso da Vitrus, é mesmo um modelo diferente, ao jeito das sociedades unipessoais e neste caso até não são sociedades unipessoais...limitada!

> Nunca se percebeu porque é que após a saída de Amadeu Portilha a Vitrus deixou de estar na alçada política de um vereador eleito...

A representação da Câmara é indirecta e não pelo presidente ou por um vereador. Nunca se percebeu porque é que após a saída de Amadeu Portilha - então vereador do Ambiente - a Vitrus deixou de estar na alçada política de um vereador eleito, em cujo conselho de administração pontuava. Apesar de ter a governança do Ambiente, Sofia Ferreira nunca teve nada a ver com a Vitrus, nem de perto, nem de longe, o que foi entendido como uma incongruência, por ser uma empresa da área do seu pelouro.

Domingos Bragança cedeu o poder de representação do Município a Vítor Oliveira - que é o seu chefe de gabinete e presidente da assembleia geral e indirectamente a Sérgio Castro Rocha, presidente da Junta de Freguesia de Ponte, nomeado presidente do conselho de administração por Vítor Oliveira. Para *"administrador não executiva"* Sérgio Rocha nomeou Maria José Martins, a tesoureira da Junta de Freguesia de Ponte, acentuando um poder geográfico e territorial, quase corporativo - dos tempos de Salazar - mesclado de um poder pessoal do presidente do conselho de administração, que já deu sinais de querer mandar a todo o custo, directa e indirectamente. Na assembleia geral, Vítor Oliveira nomeou para secretária Mónica Félix, uma militante socialista de Abação/Gémeos.

Nesta amálgama ideológica, da representação política nas empresas e cooperativas municipais, ora directa e sem máscaras - pela indicação de militantes declarados e julgados competentes - Domingos Bragança, indicou um novo modelo que tem a ver com ambições futuras de grupos que vão dominando a máquina da administração municipal e se preparam para dominar o PS usando os chamados sindicatos de voto, que nada têm de ideológicos e apenas são sinónimos de votos, no processo da tomada de poder.

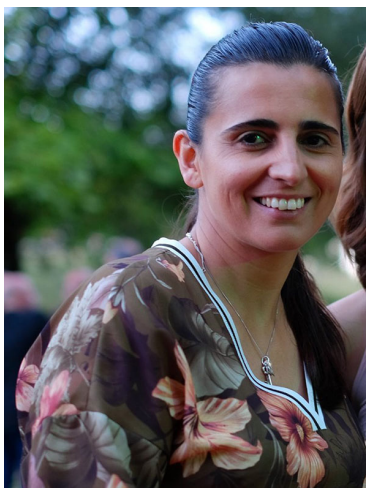
Ou seja, o PS está, hoje, a sofrer uma coloração - não ideológica e sem qualquer ligação à história política nacional ou local, para alguns militantes, uma verdadeira invasão de *"socialistas do PSD"*, como se ouve nas catacumbas do PS por militantes mais clássicos que, utilizam o partido - transformando-o num instrumento de tomada do poder, com as tácticas do Cavalo de Tróia, por grupos ambiciosos, organizados, de cidadãos que aceitam tornar-se soldados de um exército sem nome, sem técnica ou prática militar para entrar numa guerra de interesses unipessoais...limitados a um grupo que não elite, de populistas armados em democratas. ■

ASSEMBLEIA MUNICIPAL (REPORTAGEM)

Um currículo pouco verde e ambiental

Um advogado, uma contabilista e um mestre em educação...

© WWW.FACEBOOK.COM/JFPONTE



A Vitrus tem sido um exemplo mas não pode ser uma excepção.

© DIREITOS RESERVADOS

A Administração da Vitrus Ambiente, SA, é exercida por um conselho de administração, composto por três membros, todos eles eleitos em reunião de assembleia geral em que só há um accionista: o Município de Guimarães.

O presidente actual é Sérgio Castro Rocha, em cujo currículo se *"omite"* o facto de estar a exercer as funções de Presidente da Junta de Freguesia de Ponte.

No seu site, em https://www.vitrusambiente.pt/, o que se pode ler, é o seguinte: *"é advogado de profissão desde 2003, licenciado em Direito desde 2001, obteve no ano de 2004 o DEA (Diploma de Estudos Avançados) em Direito Público pela Universidade de Santiago de Compostela, frequentou o curso de preparação do Centro de Estudos Judiciários (CEJ), na Universidade Portucalense do Porto, tendo ficado apto, no mesmo ano, nas provas de ingresso do CEJ, quer para os tribunais administrativos e fiscais, quer para os tribunais judiciais"*.

> O presidente actual é Sérgio Castro Rocha, em cujo currículo se *"omite"* o facto de estar a exercer as funções de Presidente da Junta...

Já sobre o administrador executivo, João Pedro de Oliveira Martins Castro, o que consta é: *"integra a direção dos Bombeiros Voluntários de Guimarães e o executivo da Junta de Freguesia de Pencelo. Desde 2013 que é trabalhador da VITRUS AMBIENTE, tendo tido as categorias de Técnico Superior, Responsável de Serviço e Diretor Geral. Como habilitações tem um Mestrado em Educação, Trabalho e Recursos Humanos, na Universidade do Minho e uma Pós-graduação em Gestão de Empresas"*.

Sobre a única mulher, no CA da Vitrus, Maria José Teixeira Martins, também administradora não executiva, lê-se, como notas curriculares: *"Contabilista certificada pela Ordem dos Contabilistas Certificados, é licenciada em Filosofia e Desenvolvimento da Empresa, pela Universidade Católica Portuguesa, frequentou o Instituto Politécnico do Cávado e do Ave em Projetos em Simulação Empresarial, Contabilidade Financeira, Contabilidade Analítica, Fiscalidade e Ética e Deontologia Profissional. Obtém o Certificado de Aptidão Profissional de Formadora Pedagógica"*. Também nada consta sobre as funções de tesoureira da Junta de Freguesia de Ponte. ■

Vitus uma esperança para o ambiente

Um passado perfeito, um presente atribulado

▶ Supriu carências, articulou serviços, abriu horizontes e estacionou na estabilidade até 2017. A partir daí, a Vitrus tornou-se num instrumento de poder para uma ala mitigada entre o socialismo e os sem partido, a ambição e a captura do poder democrático.

Quando nasceu, em 2010, a Vitrus enterrava o passado da EcoAve - uma cooperativa mais, para área do ambiente, sustentada pelo Município e ancorada em parceiros do ramo das sucatas que começava a acumular problemas graves e cuja existência deixava já de ter sentido.

Era uma empresa nova, criada de raiz, cujo pai é Amadeu Portilha que contava então com o apoio e o entusiasmo de António Magalhães que nunca tolheu bons projectos nem a iniciativa dos seus pares, se confiava nela.

A limpeza urbana - através do lixo contentorizado - e a limpeza dos edifícios públicos, encaixavam como uma luva no objecto social da nova empresa porque o Município ia somando problemas nestas duas áreas, por falta de pessoal e estrutura adequada que desse a melhor resposta aos problemas ambientais; e se lhe juntassem a questão do aparcamento municipal - então gerido sem sentido organizacional pela Polícia Municipal, a Vitrus para além de nascer de parto natural, seria a mãe de um filho robusto na área de ambiente e com enorme futuro.

Crescia já com o desígnio de ser *"o braço operacional"* da Câmara para áreas fundamentais da realidade citadina e urbana. Rapidamente, passou a ter responsabilidades, por contratos- programa que ainda hoje vigoram e são exemplo, aprimorando os circuitos de recolha de resíduos tradicionais, optimizando esses mesmos circuitos e tomando novas competências e funções.

Com naturalidade, a Vitrus passava da infância e juventude para a maioridade, num lapso de sete anos, com uma família estável, um pai interessado e com aqueles avós que gostam de cuidar dos seus netos.

Houve uma evolução clara na recolha de lixo, porta a porta, acabaram-se as duplicações de recolhas, diminuiram-se quilómetros em circuitos desnecessários.

Quando Guimarães se candidata a capital verde europeia, a Vitrus foi fundamental no processo, pois, até chegou a desenvolver novos projectos, ainda em 2016, como o CARE - que introduziu os copos reutilizáveis.

O papel da Vitrus foi sempre estruturante e não casuístico. A optimização dos parques de estacionamento foi de tal modo impactante - mesmo com o fecho do parque do Estádio - que levou a que hoje todos os parques de estacionamento tenha uma ocupação média a roçar o bom, quase cheios e com rentabilidade nunca vista.

A Vitrus não andou de mãos em mãos, em termos de responsabilidade política e de rumo de gestão. O seu posicionamento num quadro de organização municipal, não tinha nada que saber, devia estar debaixo da alçada do vereador do ambiente, para não se inventarem soluções estranhas. E assim aconteceu, António Magalhães - o presidente da Câmara de então - não hesitou em deixar Amadeu Portilha prosseguir o trabalho de consolidar esta nova empresa municipal, na linha de um pensamento claro, não apenas de organização, mas de prática política.

A Vitrus estabilizou-se, foi incorporando no seu quadro pessoal, muitos jovens - homens e mulheres - com qualidade e entusiasmo para a tarefa que importava vencer. E tanto assim é que foram os próprios funcionários da Vitrus a deitarem mãos à obra na construção da sua sede, concretizando um projecto excelente do arquitecto Ricardo Rodrigues.

Naquela altura, respirava-se na empresa um ambiente de cooperação e amizade, entre responsáveis e colaboradores, havia um espírito de inovação, todos queriam fazer coisas diferentes.

Se não se estragar o que foi feito, a Vitrus continuará num trilho de surpreender na área ambiental, até pelos próprios desafios, mas não pode ser gerida, à base da inexperiência, do palpite, de uma estratégia que não se enquadre no espírito geral do pelouro do Ambiente, e por administradores não especializados e contratados para uma função que deve ser uma missão e ter um desígnio.

A empresa municipal, só beneficiou por estar na tutela do vereador do Ambiente, pois permitiu gerar sinergias e tirar partido da competência técnica reconhecida das mulheres que lá trabalham. São pessoas que como diz o povo *"sabem da poda"*, não são comissárias políticas, são técnicas. Crisálida Alves -técnica do Município no pelouro do Ambiente - chegou a fazer parte da equipa de administração, pelos seus conhecimentos na área.

Foi assim que a Vitrus *"se tornou apetecível"* para algumas pessoas que ali viram um palco e uma plataforma de poderem almejar outros voos políticos. Talvez por aí se explique porque é que Sofia Ferreira não sucedeu a Amadeu Portilha, como vereadora do Ambiente, o que era o mais natural.

Na comunidade ambiental e política - porque não - ninguém percebe porque é que Sofia Ferreira sendo competente para ser vereadora não podia ser presidente do conselho de administração da Vitrus, numa linha de continuidade e de alinhamento das medidas de política ambiental preconizadas pela Câmara Municipal.

Até porque a Vitrus e o pelouro do Ambiente já há muito estavam alinhadas nos objectivos e nos princípios e tinha sido estruturada nessa base.

Porém, a Vitrus foi apanhada numa *"congeminação"* de estratégias e interesses de longo prazo que hoje já não podem ser negados ou escondidos.

Há quem se interrogue até sobre que *"ideia"* a Vitrus lançou no ambiente neste mandato, que não venha de trás, do período de anos de 2017.

Ao longo do tempo, a Vitrus valorizou-se com a qualidade dos seus recursos humanos e com uma direcção política firme. Daniel Pinto, o ex-administrador executivo, que se demitiu em Março, foi um desses exemplos, ao executar a actividade definida e qualificando a estrutura, e foi até garante da estabilidade da empresa ao longo dos sete anos de vida, sempre com apoio político definido e claro do vereador do Ambiente.

O ex-administrador executivo nunca pertenceu ao quadro do pessoal *"instrumental"* que também existe nas empresas e cooperativas municipais. Foi relativamente *"encostado"* nos últimos três anos, cujo pecado foi o de ter um passado de sucesso e um entrave aos interesses de quem quer a Vitrus ao seu serviço e não quer estar ao serviço da Vitrus. ■

A. Portilha nunca quis a Vitrus com um quadro de pessoal instrumental...

© DIREITOS RESERVADOS

DESEMPREGO

7,5 pessoas entram no desemprego por dia

Desemprego vai subindo desde Janeiro

▶ A chaga e o infortúnio do desemprego, atinge 7,5 pessoas por dia, em Guimarães, desde 1 de Janeiro até 31 de Maio. Os homens e mulheres sem emprego e trabalho são agora 6981.

O desemprego sobe e todos esperam que sejam as empresas a encontrar soluções para manter o mercado de trabalho estável e em números não preocupantes.

Políticas activas de emprego não há, por parte das entidades públicas. Ninguém age ou reage perante esta fenómeno, nem os sinais que se podem ler deste flagelo social são interpretados convenientemente por quem governa.

Mesmo sabendo que há mais 7,5 pessoas que por dia engrossam o *"exército"* dos sem emprego.

O desemprego atinge todos os grupos etários. O mais agastado com esta perda de emprego, é o do grupo dos 35-54 anos. São 642 os que, neste escalão, deixaram de ser trabalhadores activos, desde Janeiro deste ano.

Convinha, entretanto, apercebermo-nos que entre os indivíduos de 35 até 55 e mais anos, há uma fronteira enorme de desemprego, ou seja, 73,7%, o que denota que há muitas pessoas com carreiras contributivas baixas, o que pode pressupor as tais reforma de miséria de que se fala.

As mulheres são o género mais afectado pelo desemprego. Desde o início do ano que 4,7 mulheres perdem o seu emprego, por dia. São 716 as mulheres que deixaram a sua vida activa estes 152 dias do ano. E em 31 de Maio era 4092 que estavam desempregadas, ou seja 58,6% da população sem actividade.

Os homens que perderam o emprego, ascendem a 424, ou seja, há 2,78 indivíduos do sexo masculino, a diariamente se confrontarem com o desemprego, neste período de cinco meses do ano.

No que toca às habilitações escolares dos desempregados, os trabalhadores que têm apenas o 1º ciclo do ensino básico (1685) e o ensino secundário (1686) são praticamente os mesmos. Neste item das habilitações há dois extremos: os que têm escolaridade inferior ao 1º ciclo do ensino básico (225) e os que têm habilitação superior (794). São grupos com pouca variação, desde o início do ano.

No que toca à promoção do emprego, o único dado que as estatísticas do IEFP fornecem é o das colocações, por medidas activas daquele instituto.

Porém, fica, para já, como o pior mês do ano, em termos de colocações: só sete homens e seis mulheres, conseguiram um colocação. Isto é o número mais baixo, destes cinco meses do ano, ainda mais baixo do que as 18 colocações efectuadas em Abril e também distantes da média superior a 81 registadas entre Janeiro e Março.

Vejamos, também, o que se passa com os novos inscritos no IEFP e que passaram ao quadro de desempregados: 21 eram ex-incativos, 39 despediram-se, 48 rescindirem os seus contratos por mútuo acordo, 253 acabaram um trabalho não permanente, 15 passaram a exercer uma actividade por conta própria e 76 são trabalhadores cuja situação é considerada não especificada.

© DIREITOS RESERVADOS

Em cada dia há mais desempregados à porta do Centro de Emprego.

E que influência tem tido a pandemia da Covid-19 do mercado de emprego? Para já, os números não são alarmantes...

E que influência tem tido a pandemia da Covid-19 do mercado de emprego?

Para já, os números não são alarmantes, mesmo tendo em conta os 639 novos desempregados registados entre Março e Abril. Mas são números preocupantes se tivermos em conta que em Março, Abril e Maio, mais 1759 pessoas ganharam lugar no desemprego.

Uma última observação, sobre a situação do número dos desemprego face ao emprego. Em Maio, estavam inscritas 296 pessoas à procura do 1º emprego, o número mais baixo desde Janeiro, e um sinal de que a procura dos jovens por uma profissão remunerada está em queda. Em Janeiro eram 390 à procura do 1º emprego, o que significa que 94 ingressaram na vida activa.

Já os desempregados que procuram novo emprego chega a 6685 o número mais alto do ano, o que quer dizer que há mais 1234 indivíduos à procura de trabalho. ■

Guimarães, agora!

FICHA TÉCNICA
EDITOR E DIRECTOR.: José Eduardo Guimarães
DESIGN.: Eduardo André

PROPRIEDADE.: Crónicaprazível Unipessoal, Lda. | CONTRIBUINTE Nº.: 514 766 026
CAPITAL SOCIAL.: 1000 euros | EMAIL.: cronicaprazivel@gmail.com
GERENTE E DETENTOR DO CAPITAL SOCIAL.: Eduardo A. Guimarães
ESTATUTO EDITORIAL DISPONÍVEL EM.: www.guimaraesagora.pt/estatuto-editorial

SEDE, ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E EDITOR.:
Rua Dª. Maria Faria Ramos, 452
São Torcato 4800-881 Guimarães
geral@guimaraesagora.pt

PUBLICIDADE/ASSINATURAS.:
publicidade@guimaraesagora.pt
assinaturas@guimaraesagora.pt
+351 93 117 39 15

COLABORAM NESTE NÚMERO.: Alberto Martins, Álvaro Oliveira, Carlos Fonseca, Helena Sousa, Miguel Leite, Paulo Castelo Branco, Raúl Rocha, Ricardo Costa e Vítor Oliveira.

IMPRESSÃO.: UniPress - Vila Nova Gaia
DEPÓSITO LEGAL Nº.: 453168/19
REGISTO NA ERC Nº.: 127 216
TIRAGEM.: 10 000 exemplares

DESEMPREGO

GÉNERO:

HOMENS ▶ 2.889

MULHERES ▶ 4.092

TEMPO DE INSCRIÇÃO:

< 1 Ano ▶ 4.465

1 Ano e + ▶ 2.516

SITUAÇÃO FACE EMPREGO (À PROCURA DE):

1º Emprego ▶ 296

Novo Emprego ▶ 6.685

TOTAL **6.981**

GRUPO ETÁRIO:

< 25 anos	25-34 anos	35-54 anos	55 anos e +
660	1.174	2.835	2.312

TOTAL **6.981**

NÍVEL ESCOLAR:

< 1º Ciclo EB	1º Ciclo EB	2º Ciclo EB	3º Ciclo EB	Secundário	Superior
225	1.685	1.195	1.396	1.686	794

TOTAL **6.981**

DESEMPREGADOS INSCRITOS:

HOMENS	MULHERES	TOTAL
304	319	**623**

COLOCAÇÕES:

HOMENS	MULHERES	TOTAL
7	6	**13**

MOTIVOS DE INSCRIÇÃO:

Ex-Inactivos	Despedido	Despediu-se	Despedimento Mútuo Acordo	Fim Trabalho Não Permanente	Trabalho Conta Própria	Outros Motivos
21	171	39	48	253	15	76

TOTAL **623**

A CRISE EM VÁRIAS FORMAS

Falta organização para elevar potencialidades

"Populismo vitoriano" trama Ivo

Texto de: José Eduardo Guimarães

▶ Ivo Vieira teve uma conversa banal e trivial com alguns adeptos do Vitória, no fim do jogo com o Braga. Foi fiel a si mesmo, às suas ideias e conceitos. Mas foi *"apanhado"* nas malhas da tecnologia, numa gravação covarde e numa divulgação ilegal.

© DIREITOS RESERVADOS

Se o treinador não se desgasta *"por maus resultados"* os adeptos desgastam-no *"pelas suas escolhas"*.

A conversa não tem nada de especial. É trivial, banal, sobre coisas do Vitória – sempre com a falta de resultados como pano de fundo – e evidencia aquilo que no futebol português é tão clássico: os treinadores de bancada (não) sabem do que falam, dão palpites, mostram uma aptidão à base do *"entra um, sai outro"* porque só podem estar 11 em campo. E cujos conceitos futebolísticos são enciclopédicos, ao jeito do quem é que sabe o nome dos pontas de lança do Vitória nos últimos 10 anos.

Quem ouviu a conversa percebe facilmente que Ivo Vieira não se confrontou com outros *"treinadores"* com o seu perfil e formação porque a sua argumentação é a mesma de sempre. Porque é que o *"mister"* joga com o Quim e não mete o Tónio, porque não dá oportunidades ao Zé, porque nós temos equipa para fazer melhor, porque não esbraceja e não é tão interventivo no banco, agora como antes, e blá, blá, blá… blá, blá, blá!

Ivo Vieira mostrou o seu carácter e a sua têmpera. Ouviu, informalmente, jovens – colocados na pele de treinador, sem o serem – foi humilde, ético, respeitou mas não foi respeitado – a gravação é crime, porque não foi autorizada, nem os jovens são sequer repórteres do jornal da sua escola ou da sua rua. Falou abertamente sem saber que existia uma gravação ilegal, covarde e pouco ética.

> Não disse nada de novo, isto é, que não se lhe conheça do seu pensamento enquanto homem e treinador de futebol...

Não disse nada de novo, isto é, que não se lhe conheça do seu pensamento enquanto homem e treinador de futebol.

Mas, convém, frisar que Ivo Vieira também disse o que disse enquanto cidadão, bem educado, que dá respostas, que aceita dialogar, ouvir, tal como fazem ou fizeram outros treinadores no Vitória. E fazem as pessoas. Nunca fugiu nem às perguntas, nem às suas ideias, não disse nadinha de transcendente, mesmo quando falou de que há alguém a *"roubar"* no Vitória, o que também não é nenhuma novidade. Nem coisa de hoje, de ontem, mas de sempre.

Esta conversa, revela um homem que também é adepto – enquanto treinador quer ganhar tanto quanto ou mais que um adepto ou um presidente – e um treinador ciente dos seus conceitos, conhecedor dos seus jogadores – mais do que ninguém – e das suas potencialidades técnicas. Ivo Vieira não sai molestado desta conversa que, cujo pecado original, é apenas a falta de ética de uns jovens que a troco de umas perguntas julgam prestar um favor ao VSC gravando o que é reservado, privado e particular.

E que depois é difundido em praça pública. Nenhum jornalista – daqueles de quem alguns adeptos do VSC dizem mal – era capaz de um trabalho destes… isto é, de colocar no *"ar"* ou na *"rede"* uma conversa, entre pessoas, que não pode ser álibi para o que quer que seja.

No futebol há a tendência para o mal vencer o bem, e de tudo o que é ruim no ser humano vir ao de cima. É nessa base que se despedem treinadores e jogadores, se esmagam direitos. E tudo por falta de educação e de

A CRISE EM VÁRIAS FORMAS

O universo dos treinadores de bancada ainda é mais exigente que o universo de sócios do Vitória.

© DIREITOS RESERVADOS

jeito para tratar das coisas convenientemente.

Os homens – jogadores e treinadores – no futebol, são uma espécie de carga a mais, num barco à deriva, no alto mar, perante uma tormenta. E no VSC não se pode continuamente despachar jogadores ou treinadores como encomendas, recorrendo aos mais vis expedientes de despacho, com armadilhas e traições.

A tradição no Vitória, dos anos 60 e 70, de dirigentes honrados, não nos faz lembrar o despedimento arbitrário de quem quer que seja. Um contrato tem uma duração normal e o acordo entre as partes pode encurtá-lo. Não são precisos processos ardilosos para despedir ninguém.

A divulgação desta gravação, por outro lado, pode ter água no bico. Se os entrevistadores quiseram ser jornalistas, também não conseguiram *"furo"* nenhum porque não houve novidade na *"entrevista"*.

> É preciso entender que em Guimarães há muita coisa a baixar de nível, o poder pode estar a passar para a rua...

Porém, há que reflectir sobre este acto. Primeiro, é preciso entender que em Guimarães há muita coisa a baixar de nível, o poder pode estar a passar para a rua, a pressão ilegítima a ser pedra de toque do comportamento humano, apenas se defendem interesses menores a qualquer preço.

E no futebol, os treinadores de bancada são *"os populistas"* da política, que vivem de sonhos, que temos de ganhar sempre – mesmo que joguemos com os juniores – de que um campeão se faz por milagre ou por uma reza a um venerável santo qualquer. E de que os problemas numa equipa de futebol quando não há resultados – a cura para esta doença é sempre mudar o Tónio pelo Zé António, o Fernando pelo André, ou o treinador A pelo treinador C…

Nada de mais errado, o futebol é estabilidade e tranquilidade a todos os níveis, é organização e muita percepção de que é preciso amar o clube, não apenas como sentimento de pertença mas como paixão.

> NÍVEL
> **Em Guimarães baixa de forma arrepiadora e coloca o poder na rua.**

Não nos podemos esquecer de que o VSC ao longo dos tempos não formou dirigentes – uns saem e outros entram, sem que o que aprendem possa ser transmitido a terceiros, importamos tudo, de jogadores, a treinadores, a directores de futebol ou de modalidade. Ora, um clube sem profissionais que sejam bons e que sintam o amor à camisola, não elevam o Vitória a patamar nenhum.

Iremos sempre descartar este e aquele, a conviver mal com as críticas acertadas, a impor o quando se ganha está tudo bem e quando se perde está tudo mal.

Sejamos verdadeiros, o VSC não tem uma estrutura forte, o seu corpo dirigente entra e sai ao sabor das eleições, e todos vamos vivendo de palpites. É bom assim e assado, e se não for, seja o que Deus quiser.

Esperamos pelo regresso do Rei D. Sebastião quando todos sabemos que ele não vem, vamos em peregrinação a qualquer ermo e capela, quando está claro que os santos não se metem no futebol. Já há quem há muito considere o Vitória uma espécie de ala de ortopedia, dirigida por *"endireitas"*, aqueles habilidosos sem formação, que, outrora, punham os ossos no sítio, por esticão em deslocamentos por mau jeitos, o que era comum na agricultura…

E depois tendemos a acentuar que o futebol não é uma ciência… quando, por vezes, até chega a ser, sobretudo, quando se fala de motivação, de espírito de equipa, de sentimento de pertença, de paixão, de amor, coisas do reino da filosofia e da psicologia.

O pior é quando, apenas por colocar-mos um cachecol à volta do pescoço, ou envergamos uma t-shirt, já nos sentimos os melhores e mais sabichões do mundo. É preciso voltar ao tempo em que o futebol era paixão e espectáculo. Não podemos vencer apenas porque…queremos!

Definitivamente, o Vitória precisa de expulsar o vitorianismo de sarjeta – o pior que coloca em causa a história e a honra do clube e da cidade – conter, limitar e colocar em *"su sitio"* o vitorianismo de cachecol, à sombra do qual se abrigam muitos que também no futebol não são especialistas de coisa nenhuma. É por aí que emerge um *"populismo"* futebolístico, impaciente, cego, que trama projectos que deviam ser de médio/longo prazo quando querem que seja de curto prazo.

Já não há campeões por acaso, nem de ocasião, e muito menos por obrigação ou tradição. Se não acreditam, perguntem ao Benfica… ■

TRIBUNA LIVRE

OPINIÃO

Helena Sousa
Numerológa & Coach
helena.sousa@guimaraesagora.pt

"Eleva-te e inspira-te"

Este ano 2020/4 será aquele ano de preparação para a vida! Desenvolver a perseverança para ultrapassar os obstáculos, desenvolver a resiliência para vencer os bloqueios, desenvolver a disciplina para colocar uma Ordem em tudo o que faz parte da sua estrutura e desenvolver a paciência para perceber que tudo tem o seu Tempo. Ser realista, claro e objetivo para cortar com o desnecessário e focar no que interessa, pois *"menos é mais"*! Assumir a responsabilidade da sua vida, será a chave do seu sucesso! Assim como, dar pequenos passos seguros, confiando na vida e no tempo. É um ano de pés bem assentes na terra e de realizações, e para isso, temos que dar atenção aos pequenos detalhes, fortalecendo-nos em todos os aspetos, pois só dessa forma estaremos bem *"estruturados"*! Neste mês de Julho, teremos oportunidade de dar continuidade às mudanças que iniciamos em Junho mas de forma reforçada, elevada, inspirada e assertiva. Será um mês desafiante pois seremos testados na nossa Identidade e na nossa Vontade. Apesar de Julho ter a vibração 7, aparentemente mais fechado, mas revelador. Revelador de grandes verdades, verdades da vida, verdades pessoais, pois somos mais do que julgamos ser e este mês vai convidar-nos a olhar para dentro, percebendo que a nossa Realização depende em proporção do que sabemos sobre nós próprios. No melhor sentido, será um mês de ação e de iniciativas mais maduras e refletidas, e ao mesmo tempo inovadoras e progressistas. Haverá um novo olhar mais elevado e inspirador quer da nossa vida, quer de tudo o que nos rodeia. E, apesar das circunstâncias que nos rodeiam, este mês vai apelar a que cada um de nós assuma o comando da sua vida, independentemente de tudo, de Tudo! Está na hora de perceber que não são as circunstâncias que ditam a nossa vida, somos nós que ditamos a nossa vida, por isso, elevemo-nos de forma inspiradora para uma nova Visão de nós mesmos e do mundo. Assumamos também que ninguém é uma ilha! Crescemos em grupo, em relação, e neste mês, parcerias podem ser reforçadas, assim como outras deixarão de fazer sentido. Tudo será como deve ser!

> Está na hora de perceber que não são as circunstâncias que ditam a nossa vida, somos nós que ditamos a nossa vida... "

OPINIÃO

Alberto Martins
Empresário
alberto.martins@guimaraesagora.pt

São Torcato 25 anos de Vila, Séculos de História

São Torcato comemorou no passado dia 21 de Junho, 25 anos da elevação ao estatuto de Vila, um quarto de século. 25 Anos de afirmação enquanto Vila, mas séculos de história, de orgulho no seu legado imaterial e edificado, de um presente que é diariamente construído e sobretudo de uma Vila de e com futuro. Este ano as comemorações do dia de elevação a Vila, estavam dimensionadas para serem as maiores de sempre, com um conjunto alargado de iniciativas, concertos e atribuição de prémios, como seriam o de fotografia ou literário. Contudo a pandemia que vivemos alterou de forma vincada o nosso quotidiano, impondo-nos novas rotinas e hábitos que vamos progressivamente assimilando. Apesar da situação pandémica que ainda vivemos, foi possível assinalar a data de forma digna, com um cartaz diversificado. As comemorações começaram, com o ciclo de conferências digitais, abordando temas como o impacto da pandemia e o futuro de São Torcato, discutido com as diversas associações da Vila. Foi possível ainda inaugurar o parque de lazer da Corredoura, um projeto resultante de uma candidatura ao orçamento participativo apresentado pelo torcatense Filipe Santos e que é estruturante na descentralização de equipamentos na Vila de São Torcato e o projeto *"Juntar São Torcato"*. A este propósito esta inauguração revestiu-se de grande significado para mim e para toda a comunidade da Vila. Com este projeto irá ser possível disponibilizar à população, bens adaptativos e geriátricos, de difícil acesso à generalidade da comunidade. Um projeto social mas que tem também na sustentabilidade ambiental um foco importante, em linha com o trabalho que a Junta de Freguesia prioriza, diariamente na sua ação. As comemorações tiveram ainda como momento alto a sessão solene evocativa do aniversário de elevação de São Torcato a Vila. Uma sessão realizada no coração da Vila, no famoso e majestoso terreiro da Irmandade de São Torcato. Nesta cerimónia foi possível agraciar a D. Rosinha pelos anos de serviço prestado à Junta de Freguesia e a todos os voluntários que diariamente, no terreno, prestaram auxílio a quem mais precisava calcorreando as ruas da vila de São Torcato. Agraciamos ainda a Irmandade de São Torcato com o pergaminho da Vila, pelos enormes feitos alcançados, nomeadamente a elevação do Santuário à dignidade de Basílica e a fixação do dia 27 de Fevereiro como dia do Santo do povo, São Torcato. Por fim, foi entregue a medalha da Vila de São Torcato ao Prof. Dr. Paulo Novais, um grande Torcatense com uma carreira académica brilhante e leva o nome de São Torcato e de Guimarães aos 4 cantos do mundo. Assim foi assinalada uma data que ficará para sempre na história. 25 anos de Vila, mas séculos, da terra com mais história de todo o Concelho de Guimarães. São Torcato o berço do berço de Portugal.

> Com este projeto irá ser possível disponibilizar à população, bens adaptativos e geriátricos, de difícil acesso à generalidade da comunidade... "

OPINIÃO

Paulo Castelo Branco
Arquitecto
paulo.branco@guimaraesagora.pt

Segunda Vaga

As exorbitantes indeminizações do Tratado, às quais se alia *"oportunisticamente"* a Gripe Espanhola, mergulham sobretudo os vencidos da 1ª Grande Guerra numa profunda depressão, numa perigosa polarização entre o ferido orgulho nacionalista e o excitado internacionalismo de inspiração Bolchevique. *"Ultranacionalistas"* e *"progressistas"* degladiar-se-iam nas ruas das cidades, no meio dos escombros político-sociais e da crise sanitária, até ao tristemente célebre *Crash* bolsista de 24 de Outubro de 1929 em que aqueles poucos que, na sombra, foram instigando a confusão e o divisionismo alegremente esfregavam as mãos perante o que aí vinha. No meio do caos económico, a insulsa reacção das forças democráticas e um certo negativismo instalado nas sociedades europeias abrem uma auto-estrada a totalitarismos que conduzirão a Europa a tumultos, guerras civis e mundiais; no fim, a divisão das sociedades, criará um mundo bipolarizado, uma perene guerra-fria entre os grandes vencedores do século XX - E.U.A e U.R.S.S. Parece pois que a pulsão do poder, aliada à frustração, ao histerismo, inércia e medo, presentearam o oportunismo marcando assim os grandes acontecimentos do século passado – o mais inventivo e mortífero da História. As cidades sempre foram o espaço de *"fermentação social"* pelo que quase tudo se exprimiu e decidiu nessas ágoras do pulsar civilizacional. Contudo, nas últimas décadas, a *"democratização tecnológica"* - televisões, jornais e, sobretudo, as ditas redes sociais - vem globalalizando o palco o que, por si, poderia ser positivo se tudo não passasse de uma ilusória ideia de integração ou descentralização cultural - isto se, ingenuamente, entendêssemos que informação e cultura são a mesma coisa! Mas não! Alargado o palco à livre expressão, as *"redes"* vociferam todos os impropérios, da crise ética e moral cívicas, em pseudo sentidos críticos dispostos a estimular radicalismos e *"verdades absolutas"* que acentuam divisionismos. São pois tempos inseguros, e pouco instruídos, estes em que se batalha frivolamente a favor de uma qualquer coisa (e do seu contrário), se elevam corrécios aos panteões e se derrubam personagens históricas - porque sim, ou talvez (...) - instigando-se a intolerância e a bipolarização sempre favoráveis a populismos que, ainda que de sinais opostos, convergem na falta de consciência do outro, do bem comum ou do equilíbrio planetário. Face a uma nova crise, todos os pérfidos *"ismos"* estão de novo a dividir-nos, sem meios-termos, entre *"índios"* e *"cowboys"* enquanto a *"oportunística pandemia"* - de novo aliada ao caos como origem ou fruto do estado febril - em nada ajuda ao necessário reencontro humano e desconfinamento dos ódios. É pois de uma Segunda Vaga que se trata; uma, porventura, ainda mais nefasta, pronúncio de desastres que já presenciamos no passado. Acordemos rápidamente para a civilidade ou muitos irão sofrer enquanto apenas uns poucos, na sombra, esfregam alegremente as mãos perante o que aí virá.

> As cidades sempre foram o espaço de *"fermentação social"* pelo que quase tudo se exprimiu e decidiu nessas ágoras do pulsar civilizacional...

OPINIÃO

Miguel Leite
Fisioterapeuta
miguel.leite@guimaraesagora.pt

"Nem sempre, nem nunca"

As modificações indiscutíveis no mundo da saúde nos últimos meses potenciaram um conceito já existente que é conhecido por Telemedicina. Com a implementação do estado de emergência o acompanhamento de milhares de cidadãos foi direcionado ainda mais, para meios de tecnologia da informação e telecomunicações que permitem que o contacto entre o profissional de saúde e o utente os aproximasse de forma a controlar *"estados de doença"*. É claramente discutível se a eficácia destes meios foi suficiente para suprimir as necessidades dos demais. A tendência deste procedimento vir a crescer com o desenvolvimento das novas tecnologias é uma realidade cada vez mais certa nos próximos anos. Se observarmos as bases da Telemedicina, as suas fundamentações são extremamente válidas, quando se consideram os elementos chave do acompanhamento do utente pelo profissional de saúde à distância. A sua utilização na informação de resultados laboratoriais; a assistência a pacientes crónicos, idosos e grávidas; o cultivo em programas de prevenção e na aplicação de planos educacionais; o ajuste de planos de tratamento são algumas das aplicabilidades deste processo. A formação continua de profissionais de saúde; a discussão de casos clínicos entre os especialistas e a realização de intervenções com *"artefactos robóticos"* através de controlo à distância são também itens fundamentais. Ao considerarmos a globalidade do trabalho a ser desempenhado através da Telemedicina constatamos inúmeras vantagens, desde a redução do tempo e custos no transporte dos utentes; eficácia numa melhor triagem no acesso prévio aos serviços de emergência; diminuições de viagens não urgentes a meios hospitalares e consequente risco de infeções; uso eficiente dos recursos disponíveis de forma a permitir uma assistência mais direcionada e especializada aos pacientes; manutenção do doente no seu *habitat* familiar; permitir maior cooperação entre profissionais de saúde (mesmo que de áreas geográficas diferentes), com o objetivo de direcionar as suas intervenções; aproximar as pessoas mais isoladas e não facilitar no acompanhamento da saúde dos mesmos combatendo desta forma a centralização de inúmeros recursos. Um dos principais focos da Telemedicina deve ser fazer sentir-se presente junto das comunidades dispersas, para que as mesmas se sintam acompanhadas e protegidas em todos os momentos da sua saúde. Porém, e apesar de tudo o que mencionei anteriormente ser inquestionável quanto à sua relevância em todo o nosso sistema de saúde atual e futuro, dificilmente o contato direto com o utente poderá ser substituído. O ser humano tem uma necessidade intrínseca de comunicar, em que o contacto e o frente a frente é uma definição no ADN da nossa existência como espécie, no entanto, e ainda mais potenciado pela realidade mundial da pandemia a Telemedicina surge com uma maior importância para que a saúde de toda a população não seja negligenciada.

> A tendência deste procedimento vir a crescer com o desenvolvimento das novas tecnologias é uma realidade cada vez mais certa...

32

PÁGINAS A CORES

10 000

EXEMPLARES

Guimarães, *agora!*

ANUNCIE AQUI:

+351 **93 117 39 15 | 96 986 11 82**

publicidade@guimaraesagora.pt

www.guimaraesagora.pt